



RESTO OU DIFERENÇA?

poemas estendidos ao varal

Diego Schaun

POESIA

RESTO OU DIFERENÇA?

poemas estendidos ao varal

Copyright © 2026 de Diego Schaun

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Schaun, Diego

Resto ou diferença? : poemas estendidos ao varal /

Diego Schaun. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2026.

ISBN 978-65-02-18509-4

1. Poesia brasileira I. Título.

26-371084.0

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

diegoschaunmusica@gmail.com

“Exegi monumentum aere perennius”

Ergui um monumento mais duradouro que o bronze

Ovídio

O VERSO QUE SOBROU AO VARAL

Escrever, para mim, nunca foi um ritual de gabinete, mas um gesto de urgência em qualquer "chão" que aceitasse a tinta. Estes poemas nasceram no verso de boletos, em envelopes usados, cadernos escolares e fundos de letras de música. Aos 36 anos, olho para estas páginas e vejo o Diego de 17, inflamado por uma indignação social que hoje já não grita da mesma forma, mas que deixou sua brasa impressa no papel. Minha métrica foi forjada no silêncio dos três anos de seminário católico. Ali, entre a liturgia e o latim, bebi da fonte dos parnasianos, o que explica o rigor e a busca pelo "alfaiate de verbos" que aparece em minhas primeiras fases. A poesia era a minha religião particular, uma forma de catequizar a própria dúvida. A prova de fogo desta obra, no entanto, veio pela água. Uma enchente invadiu minha casa e tentou levar minha história na torrente. Muitos rascunhos se perderam na lama, mas os que você lê aqui são os sobreviventes. Precisei pendurar cada um deles no varal, como se fossem roupas lavadas de memória. As manchas nos papéis permaneceram como cicatrizes poéticas, lembrando-me de que o que sobrou não foi apenas o "resto", mas a "diferença" entre o silêncio e a existência. Este livro encerra com o meu momento atual: o Ciclo do Girassol, escrito nos últimos dois anos sob uma luz mais amarela e afetuosa, e o Louvor da Insignificância, onde finalmente entendi que a realeza habita no limo, no caco de vidro e na vida que resiste, miúda, em um antebraço. Aqui está o que a água não levou.

Diego Schaun

Prefácio

Para que poesia?! Tudo já não foi dito? Todos os jogos de palavras já não foram feitos? Todas as estruturas já não foram utilizadas? De onde vêm novas formas de juntar palavras? Para onde vão? Para quem? Por que?! Pergunto e também respondo! Com as palavras perfeitas de Ferreira Gullar: “A vida não é pobre, a vida é rica, mas o artista sempre vai querer inventar mais do que existe... A arte existe porque a vida não basta”. Sim, poeta, não basta! Não é suficiente apenas existir, pensar e deixar o tempo passar na rotina diária.

Precisamos transcender, criar, ver, ouvir, ler e sentir. Por isso traduzimos os sentimentos e as impressões sobre o mundo, é uma necessidade humana! Urge e é absolutamente vital, devendo se tornar viral nesses tempos de IA, guerras e tantas outras insanidades, que nos desumanizam. Arte sim, poesia sim, “livros à mão cheia”, como pediu o poeta Castro Alves!

“Resto ou Diferença? Poemas estendidos ao varal.” traz poesia pura, é arte em sua melhor definição nos exigindo reflexão. O livro é provocador já no título, assim como seu autor, Diego Schaun. Pessoa singular e plural, já quis ser padre, estudou História, Letras, Música, está sempre lendo, ávido por informação e sabedoria, com um aguçado senso crítico e uma compreensão única de tudo ao seu redor. Esta personalidade se reflete em sua poesia, com métrica e ritmo a serviço do que pretende expressar.

Neste livro, que reúne poemas escritos durante anos, sobreviventes da enchente da vida, ele se revisita e se observa de fora como um exercício de autoconhecimento, conhecendo e reconhecendo a voz interna, que grita no papel para acalmar a ânsia questionadora deste aquariano, alguém que se recusa a ficar enquadrado e repetir padrões.

Nos poemas está a busca incessante pela verdade sobre si mesmo e sobre o mundo, desvelando-se numa inquietude que desafia os conceitos, a ele

próprio e até a arte que produz. É sua voz voraz de vanguarda com uma preocupação real em relação às pessoas, é a maturidade desta alma velha, com referências mil e palavras antigas, algumas em desuso, as quais se adaptam perfeitamente à narrativa.

O seu eu poético, político e existencial, vai se revelando na escolha consciente de rimas ou de frases sem rimar, entre a certeza e a dúvida, entre respostas e perguntas, num livro ao mesmo tempo aberto e hermético. Bebendo em várias fontes como a poesia concreta, a parnasiana, quiçá em sopros fernandianos pessoístas, vamos vendo essa alma gigante se derramando numa escrita fluída e satisfatória.

Ao ler, é como se ouvíssemos sua voz musical em confissões. E, assim, o leitor se identifica com o poeta e se vê refletido nele. Mas, ao final, ilude-se quem pensa ter entendido os quatro lados desse artista, ele é indecifrável e mutante.

Diego Schaun labuta o mundo em cada letra, seja de um poema ou de uma música, confirmando que a vida só se basta na arte. Ele se autodenomina “alfaiate de verbos”, “oleiro de verbetes”, ou diante dos ídolos um “recruta de verbetes” e “aluno do absurdo”. Particularmente, prefiro o Alfaiate de Verbos, que costura a alma em poesia, em acordes, em conhecimento, em filosofia, para o surgimento eterno do artista.

Delza Schaun

Sumário

Capítulo I: Inconscienciografia

A
Resto ou Diferença?
Tradução da Montanha
Religião Poética (mea culpa) II
Cem Títulos
Poema perdido
Fica parecendo
Meu verbo
Raro
Asas
Às vezes
Troco
Juro!
Exaltação ao Poeta!
Em frente
Poema suicida
Rodeios I
Rodeios II

Capítulo II: O Tribunal Interno

Meu julgamento
És druída de si
37 Graus
Eu
Eu de novo
Busca
Confissão
Poema da dor
Idade
Espelho da alma
Soro
Hecatombe
Finge
Mel caro Fel

Fina dor
Corpo de Guerra II
Nós três
Célula que sou
Merecimento falho
Alguém gritando por si mesmo
Resume-se a isso
Vida pacata
Empurra-me para lá!

Capítulo III: O Grito do Barro

Boca Porca
Alheias Rãs
Fogo assassino
Dor no Sertão
Desabafo do Podre
A volta do peregrino
Olhos fechados
Política dos nobres
Miséria dominical
Árvores
Humanidade
Egito
Inconformismo
Infantes
Cortejo de Morte
Macabeu
A cor da púrpura
Quase cegos
Vendendo Conselhos
Perfis Sutis I
Perfis Sutis II
Perfis Sutis III
Fa sed o quê?
Sorrindo em lágrimas
Infratores amores
Marionetes
Sem título, sem sentido
Sinto pena
Tentativas dos poucos

Capítulo IV: A Mística do Verbo

Nazareno
Cristo Pão
Tear
Oração ao Ser!

A vida vale o amor
Ao amigo Chico
Dúvida e certeza
Mentes puras
Percepções da madrugada
Destinos improváveis

Capítulo V: A Dança de Cronos

Sono (meu desejo)
Deitado, retilíneo
Ampulheta
Dias
O Presente
Ritmo das Janelas
O poder do amanhecer
Manhã de Impacto (Domingo)
Foice o fim
Vinte e três
Folhinha
Na calada
Ontem, quase sempre!
Esperando o inesperado
Sedativo
Sede
Soneto
Fuga
Mais-que-imperfeito
O dia é hoje

Capítulo VI: Sons e Sombras

Na cara
Estrela Cadente
Música
A menina do violão
Dias e Canções
Elogio a Luar na Lubre
Um brinde à Lua!
Véu alvo que me salva
Gotas
Choro
Lágrimas de outrem
Ver-te

Par de olhos
Pequena janela
Água
Amor infantil
Nova Gênese
Grande Sol
Não existe Talismã
Nossas percepções
Poema de mercado
Receita
Um velho
O Chapéu
Folha caída
Obrigado
Nuvem triste
O vampiro insone
O Óbvio
O meio do romance
O silêncio dos trovões
Fugir do normal

Capítulo VII: O Ciclo do Girassol

Noventa
Girassol I
Girassol II
Girassol III
Girassol IV
Soneto matinal

Capítulo VIII: Louvor da Insignificância

I - O Limo
II - O Caco
III - A Pernilonga

Capítulo I: Inconscienciografía

A

A luta pela vida alheia

A semente da macieira

A verdadeira

A maneira

A cachoeira

(sem beira)

Sem crase, A é o início de frase

e talvez Miquerinos.

Resto ou Diferença?

resto ou diferença?
eis a solução
resultados possíveis.
inícios e indícios que fazem faiscar
involuntariamente os fogos de artifício ao fim de uma introdução pródiga.

resto ou diferença?
um que são dois que são um
complemento
unidade
ação

migalhas que caem de mesas
fazem diferenças em barrigas empanadas?
os restos jogados ao chão reduzem a azia do parco?

sou importuno,
mas minha ousadia tem limite
responder com antagonismos é um tiro no escuro
roleta-russa ou bravura?

resto ou diferença?
fé na crença?
preto ou negro?
sangue vermelho?

subtraindo o que é e o que era
somo gratidão à ideia na hora certa

a sequência posterior são as roupas de domingo
desse alfaiate de verbos
as de segunda estão engomadas
para o natal

resto ou diferença?
avisto as caravelas que,
sem choro, (nem vela)
iluminam as mentes
num ramal transamazônico.

cada poesia, traumatizada pela experiência
claustrofóbica do funil esferográfico
palestra sobre o passado
não se sabe de quem,
mas todos os olhos são bem-vindos

resto ou diferença?
os seletos estão logo ali
frutos de uma pobre evolução,
vagarosa como a atenção aos necessitados,
vil como alguns líderes,
todavia honesta, como muitos

a religião poética
faz a diferença ser a união
dando verdadeira vassalagem aos poemas

o sobejo aqui almeja a tranquilidade
do dever cumprido.
não se pode afirmar muita coisa

resto ou diferença?
adição ou subtração?
lanterna para quem tem luz
breu para a escuridão
tarde calorenta para a apatia
tarefa de hoje cumprida
nada corrigido

resto ou diferença?
crença num ideal

se reina a caverna,
o lobo pensa,
o resto é réstia,
existe uma luz,
trêmula,
ainda viva

Tradução da Montanha

Os ares rarefeitos, verdes
Enternecem meus dedos magros
A moverem-se com rígida rapidez
Como movem-se vestidos afros

As pedras lascadas pelo tempo
Ferem minha derme sensível
Danificam a minha sensibilidade
Tornando o meu ser mais expansível

Aonde estou?
No alto de uma montanha?
Talvez em alguma entranha?
Tristeza tamanha...

Sei que o vento que sopra em minha face
É cálido, é frio, é bom
Letras, palavras prontas surgem em minha mente
Mas ainda me falta o tom

E meus dedos velozes
Continuam a disputar com a luz
Levando do meu inconsciente
O que o meu consciente traduz

Religião Poética (mea culpa) II

Enquanto todos dormem
eu me batizo de poesia
para que no amanhecer
deste novo dia
eu possa catequizar com alegria
neste deserto
que sempre deixa coberto
(de areia)
o obelisco das palavras.

A cada mês
faço a tonsura dos versos,
para que as frases mais inoportunas
não deem fortuna
aos sofistas que vendem fé.

Toda manhã,
música de gente,
de passos,
de pássaros,
de paz.

Dízimo?
Só a décima parte
de cada arte,
ocultada pelo tempo.

Ritual?
Todos os textos,
todas as cenas...

Só desejo que os raros mecenas
ajudem a tomar o mundo,
e que eu possa ver,
mesmo que por um segundo
(com esses olhos que comerão a terra)
o mundo numa estrofe que diria:
O povo não mais sofre
da ignorância do saber!
Foram guardados num velho cofre
a mentira e o poder!

Enquanto todos dormem,
eu fico em vigília.
Na maioria das vezes o faço por insônia.
Aqui a verdade dói,
e não há morfina.

Se pensas que essa seria minha recompensa,
enganaste em parte.

No mais, essa seria a vitória do mundo.
Essa seria a glória da arte!

**Havia o poema Religião Poética (mea culpa) I. Ele foi um dos poemas levados pela água no fatídico dia.*

Cem Títulos

Alguns passos o separam do desconhecido.
Algumas palavras o separam do ponto final.
Não queres nem soneto, nem decassílabo.
Só ouvidos atentos ao sobrenatural.

Quando vem, vem!
Não se sabe de onde.
O encantamento também vem,
mas vem de longe, quando a publicação já foi feita
e corrigida pelas sentenças gramaticais.

Não chamaria de psicografia.
Batizá-lo-ei de “inconsciografia”.
Na verdade, tudo já estava lá dentro!
De onde?
Do inconsciente!

Ciente da asneira que o pensamento bradou,
ele tornou-se feliz, pois desenhava os sentimentos já existentes
em fonemas!
Eram sílabas em ordens premeditadas estudando alternativas
para explicar o invisível.
Apenas o invisível.
O sensível explica-se por si só!

À primeira vista, depois que escreve,
fica em dúvida até mesmo se vento pode ser descrito
com “n”, com “m”, ou como o simples movimento do ar.
Numa leitura rápida, renega toda a fé professada
no credo escrito.
Lê a última estrofe com os dedos cruzados!

Quando chega ao fim e o mundo de mentira chama,
registra qualquer título e diz a data.
Números querendo dizer que ainda não acabou.

Por medo, recitá-lo-ei na 3ª pessoa do singular,
olhando num caleidoscópio.
Talvez seja a única forma de ver vários olhos
olhando nos meus olhos.
Irei culpá-los pelas minhas frivolidades.

Hoje não tem data!
Guardarei o dia.
Esqueço o número.

Poema perdido

Sorrateiramente, a luz me acorda
Algúrias sussurrando
Calor e frio
Frustração pelo esquecido
Não volta mais...

Era algo rarefeito
Ar, vento, sopros
sobre devolver, retroceder
Não me lembro mais...
Esforço inútil!

Em algum lugar devem estar!
Eu sei que estão!
Eu sei que estarão esbravejando, rindo de mim, dizendo:
“Eu disse para você copiar,
seriam apenas alguns minutos...”

O que eles iriam me dizer?
O que iriam acrescentar no mundo?
Nada!
Passado, passou, morreu!
Mortos não falam,
apenas poemas vivos,
escritos nas primeiras horas posteriores ao sono!
Não me perdi,
me achei!
Amenizei a minha dor!

Fica parecendo

Fica parecendo que o legal é escrever sobre “deprê”.
Fica parecendo que o ideal é no dial achar a sintonia certa, a música certa
para disfarçar um bem-estar.

Fica parecendo que o legal é usar pseudônimo...
Fica parecendo ser anônimo, apesar de que o anônimo
nunca se parece com nada...
É anônimo!

O legal é criar bases, metas, diretrizes.
Isso, diretores e atrizes nessa novelinha social.
Ficam aparecendo estimativas, porcentagens,
numerando o inumerável,
maquiando rugas centenárias...
Pra quê falar do que não se conhece?
Merece?

Fica parecendo banal ser repetitivo pertinazmente.
Fica parecendo sofrimento...
Pior, é sofrimento.
Pena que, às vezes, fica parecendo que o povo
se encanta com a eulalia dos ditos conspícuos!

Faz-me rir...
Fica parecendo mesmice
falar de compaixão, aqui, alhures...
Fica parecendo...
Não, o que eu sinto não tem sinônimo.
Melindrado estou!

Meu verbo

Essa minha cachimônia está deteriorada,
ufanada de afeto, este recebido de bom grado.
O futuro que não existe,
insiste em pregar peças na gente.
Bem que eu gosto disso,
mas ser submisso a sentimentalidades
ainda era novidade pra mim.

O que farei com tantas palavras,
tantas honrarias servidas na bandeja mais lustrosa possível?
O que farei com tantos adjetivos,
com tantos olhares, com tantos arrepios singulares?
Têm destino certo:
Minha alma!

Quando dizes que tenho todas as coisas que sonhaste,
eu reafirmo que você é que abre a mente ao sonho que sonhamos.
Natural é ser banal na mudez que tanto sinto.
Me acostumei, e sinto-me muito feliz por ficar calado.
Palavras nem sempre são feitas para serem ditas.
Nem lidas até...
Pessoas
deveriam tornar-se verbos!
Uma eterna ação...
Mesmo sem qualquer movimento,
a ação existe, além do papel.

As minhas pupilas sobressaltadas enxergam miragens...
Me tomam de assalto, e pior,
o sofrimento me torna um aprendiz de masoquista.
Gosto!

Sem mais balbuciar qualquer coisa...
(qualquer coisa seria qualquer coisa)
Incoerência seria incoerência...
E o sentido, de todos os sentidos já faria sentido.

Néscio que sou,
prefiro, na simplicidade que me é distante,
dizer pra ti, longe de ser errante,
que a saudade em mim gritante
é a minha lágrima que passeia sem evaporar.

Sôfrego, para tentar responder ao que me contaste,
achei melhor dizer à mim mesmo: calai-te!
Mas meus tímpanos, ao ouvirem a voz mais acalentadora do ano
incentivaram a minha rouca voz a dizer nada mais.

Raro

Quero viver nas raridades
Quero tornar a raridade monótona
Mas como?
Não sei...

Há dois anos não durmo
Isso é bom...
Meu sono dura três horas
E as pálpebras pedras caem fatigadas
Ou despertam sobressaltadas

Ainda assim eu continuo
Perenemente rumo às raridades
Porque o raro é vivaz
E a vida está se esgotando...
Mas eu quero ser primaz
Para não voltar atrás
E copiar algo que alguém está inventando agora

Péssimo! Péssimo! Péssimo!
Eu quero viver de raridades
Quero ter raras manhãs
Quero ter caras maçãs vermelhas
Ao lado do meu sono

Se é difícil? Claro que é!
Mas não é no suplício que se prova a fé?
Justamente! Perfeitamente! Péssimo!
Me dê tuas raridades
Para que na minha prática diária
Eu possa torná-la desnecessária

Por fim, meu único desejo
É viver nas raridades
Sair das cidades
E voar para a monotonia do imprevisível!

Asas

Pessoas inocentes são perigosas,
ou pessoas perigosas são inocentes?

Medo!
Sou homem,
sou jovem,
I can!
(e como posso)

Tutoriais,
por que me detém?

Tutoriais,
por que me prendem?

Querem arrancar minhas asas,
mas a qualquer momento
irei alçar voo!

Às vezes

Às vezes eu acredito
na idoneidade dos poetas.
Às vezes eu me uno a eles
e minto até à morte.
Sei que somos fortes!

Às vezes eu deixo de lado
minhas ultrapassadas constituições
para prestigiar a sibila bucólica.
Às vezes me uno a ela
e prego até à morte.
Sei que temos sorte!

Às vezes eu sinto a fome
do sibarita da solidão
e me entrego a uma falsa tertúlia.
Às vezes uno-me
e vivo ao meu lado até a morte.
Sei que sou forte!

Às vezes eu percebo
meus escritos incríveis,
sendo que amanhã já os acharei em minha lixeira.
Às vezes sou infrene
e peço passagem sem ligar a sirene.
Mas o truísmo às vezes
atrapalha minha viagem...
Mais um ortodoxo a me ludibriar.
Sei que são fortes!

Às vezes me acredito
poeta e enxergo apenas um título.
Às vezes minha poesia
desacredita de tudo,
até da morte.
Sei que ela é forte!

Às vezes eu engano
falando a verdade.
Às vezes eu falo
a verdade mentindo
e no final das contas,
os mesmos resultados.

Às vezes adentro no conformismo
sem querer pois sei que ele é forte.
Todavia, minha maior sorte
é que às vezes eu olho para outros lados
para maquiar rostos de horizontes favoráveis,
sabendo que as lágrimas
de desespero lhes cruzarão...
Às vezes sou forte!

Troco

Vida de luz
Vida tradutora de línguas
Línguas de candelabros
Dark!

Alucard me remete à infância
Me remete à ganância de vender medo,
medo que treme.
Emoções valiosas e importantes
são compradas...
Que isso importa?
"Quem" isso importa?
Pegou o troco?

Juro!

Não me diga que os sentimentos
Que lhe causo
Vivem em pedestais
Não me diga que a exclusão
Da minha razão me torna mais sábio ainda

A interessantíssima arte...
A vida em Marte...
Nada mais me emociona!
Nada faz sentido!
Francamente, sou um amante da verdade
Que é sempre inconstante...
Distante...

As atividades, relatividades, talvez
Movimentos, tentativas
Tudo é frívolo, frio, fraco
Pode pensar, indagar, suspeitar de mim
Seu direito

Só quero que entendas meu contexto histórico
Meu velório cotidiano, tão mundano
Nunca morre!
Nem consegue viver!
Gosto da verdade, e nada mais que a verdade
Juro!

Exaltação ao Poeta!

Paciência, poeta!
A clemência é essencialmente voltada para ti
Paciência, meu caro!
Sinto que a sua vida é sentir
Sentimentalismo puro, sem mancha!

Pétalas são poemas
Poeira são livros
Pedras são sonhos
Passos são ritmos

Buzinas, sinfonias
Lágrimas? Alegrias!
Solidão é uma festa
E o “nada” é o que lhe resta!

Paciência, poeta!
Minha clemência Sêneca explicou
Triplicou-a em mim!
Peço-te, paciência!
Nem todos são como tu

És diferente!
Insistente!
Clemente!
Alegremente ou tensamente
Tece suas teias pequenas
Capturando a presa em seus poemas!

Obrigado por eriçar meus pelos com seus fonemas
Paciência, poeta!
Um dia, todos irão entender-te
O importante é você entender o que escreve,
Pois o coração mais próximo dos seus olhos é o seu!

Em frente

Quando um verso entenece a minha mente
eu me torno imperfeito, inconsequente,
sem ações responsáveis.

Esse é o efeito desse karma.
Onde a palavra se torna uma arma
tornando minhas ações desagradáveis.

Para quem?
Para alguns.
E esses "comuns"?
Ninguém!

Se eu resisto, acabo que desisto
mas depois insisto
em novas reflexões.

Pois quero ir em frente
para assim levar na mente
machucados e arranhões.

Poema suicida

Tarda a chegar...
Temperança...
Tarde...
Crepúsculo...
Opúsculo de monge...
Claves de Belchior...
Dante...
Desde ontem eu tento
exprimir poemas difíceis
como os falsetes dos cantores mineiros.

Qual a importância de minha arte?
O trabalho está sendo realizado?
Alguém entende aí?
Tenho recebido respostas
do meu próprio brado-eco
nascido nas cavernas populares.

Minha poesia grita “Jerônimo”
e despenca da garganta do diabo.
Ainda acredito que lá embaixo
existe uma cama-elástica.
(não para apará-la),
penso que para impulsiona-la
à goela do céu!

O último suspiro
desse poema-lamento
é beber o vento
da queda...

Ao toque do interruptor
penso que no labor
de minha poesia
tudo paira...

O verso se joga no abismo
(extinguindo sua vontade)
e somente cai pelo egocentrismo
da gravidade.

O último suspiro
desse poema suicida
é dar vida
a milhões de verbos paraplégicos
que sobrevivem do não-movimento
graças à cera de ouvidos
que desconhecem a surdez.

O último suspiro
desse poema tarda a chegar.
Demora muito daqui a pouco.
Agora já foi!
Já é tarde, oh poesia.
Tua rima não encanta mais!
As palavras têm vertigem,
pois temem o martírio assaz!

Desde ontem eu tento jogar fora o poema
para que ele visite o lixo, o chorume.
E que lá, adquira o costume
de descobrir as entrelinhas
e enxergar além das etimologias.
Desde ontem almejo um poema vazio,
um vazio de volume!

Rodeios I

Era noite, e tudo já estava bem silencioso...

As interrogações palpitavam
E a resposta nunca vinha
O que era isso ou aquilo?
Curiosidade de Caminha

O valor que o mundo dá
A moeda que o mundo vende
Coisas fúteis, coisas boas
Que a gente nunca entende

O “jihad” de poucos
É o brincar dos lábios
O falar dos loucos
É o pensar dos sábios

E a pergunta está no ar
Está dentro de você
Basta só fechar os olhos
E ficar sem entender

Pronto, cheguei onde queria
As perguntas não têm respostas
Procurar sabedoria?
Explicar fazendo apostas?
Sono

Rodeios II

Na verdade já amanheceu
Inclusive o calor afaga-me
Pelos finíssimos raios solares
Mas isso não importa
Mesmo que tragam-me
A infelicidade de abrir a porta

Na verdade eu me esqueci
Quando cantavam-me
Pelos uníssonos, colcheias
Mas por enquanto basta!
Mesmo ao lembrar-me
Que as mentes estão cheias

Na verdade eu ainda durmo
Sabendo que meu turno
Sonolento já passou
Mas eu chego atrasado
Entro calado
E justifico pra mim mesmo

Se vermelho fosse o céu
As peles seriam um véu
Tão rubro como o sangue
Tão bom seria uma gangue
De voluntários
Amadores
Amar-dores
Armas e dores, não
como Gandhi
amar o irmão!

Capítulo II: O Tribunal Interno

Meu julgamento

Sinto-me ausente.
Fui expulso de minha presença!
Sou o mais nefasto inimigo de Narciso!
Nenhum chão quer ser meu piso.
Quem olha não me vê.
Quem me vê não enxerga nada...
Nada, nada
e acaba morrendo na minha praia!

Não sou vítima de minhas palavras!
Elas é quem são as assassinas,
criminosas...
Minhas letras já mataram a ética, a gramática,
e o pior, o coração!

Sem impropérios, sem exclamações,
a mão escreve o que a alma descreve
sem levar em conta o amanhã.
Meu final não é um grand finale,
muito menos meu início, que é vagaroso e distraído.

Preciso de “entretantos”, “todavias” e de “quicás”...
Preciso de mim mesmo a me ninar,
mas minhas melodias são repugnantes aos meus ouvidos!

Sinto-me ausente.
Viajei sem sair do lugar
Cada dia se tornou único, definitivo
Rimeei os mesmos verbos no infinitivo
e acabei expulso da minha presença!

Fui júri, juiz e réu, li minha sentença:
Condeno-me a audição perpétua de meu coração,
submissão à minha consciência,
clemência mediante a erros futuros,
e mesmo em apuros, seguir meus instintos!

Nessas algemas toquei sanfonas!
Com essas correntes corri maratonas!
Com os olhos vendados compreendi belos os cafonas!

Tornei-me presente
Retornei à minha casa
Recuperei a asa quebrada,
e pude voar...
Voei para longe
na minha presença, e melhor,
sem espelhos!

És druida de si

És, por natureza,
a equação da inconstância
Da velhice à infância,
sofres
Cofre que nada guarda, se perde em abandono próprio

És, com certeza,
a pegajosidade da goma
Bem ativo ou em coma,
sofres
Cofre sem segredo, sem fechadura, sem porta

O caldeirão está fervendo
Temperos de antídotos, pitadas de veneno
Druida de si, és
Cobaia de si mesmo

O caldeirão está fervendo
Ponha a língua, beije mordendo
Cuide de quem tu és
Autor do próprio rito

És, possivelmente, as infinitas variáveis do X
Os óculos do cego e o que nunca diz
(nem dirá)

Caberá seguir o manual
Ler o ritual para refogar os antídotos
e dar pitadas de veneno
Em frente ao espelho, dar um aceno
para então desvendar a incógnita da inconstância:
a solidão!

37 Graus

Estou entre a doença e a sanidade.
No meio da cidade mais provinciana e pacata que existe.
Bato o queixo de frio e as cobertas não aquecem meu coração.
A febre morna me deixa no entre.

Não sou hipocondríaco,
mas começo agora a escrever meu parco testamento.
Minha obra ainda não está completa.
Meus poemas baratos são caros (para mim)
Nem penses em escambo!

Por mais que a química me presenteie
com o efeito colateral do bem-estar e dos suores matinais,
eu gostaria de permanecer no entre.
Já falei dele em outras ocasiões!

Porém, tudo que me faz feliz
deve ser repetido, reverberado (para mim)
Deve ser chamado à atenção,
tanto com silvos audíveis apenas a ouvidos caninos,
como também por badaladas de sinos medievais,
ou brados de muezins chamando seus fiéis à Mesquita.

Falo do entre.
Falarei do entre.
Quero estar na corda bamba sem cair,
na febre branda e nos calores de Janeiro a 37 graus.

Almejo o entre.
Adentre no que ainda tenho para viver.

Eu

A minha ingratidão é tão infinita
que eu sou grato por não tê-la à vista!

A minha solidão é tão barulhenta
que eu estou só sem tormenta!

O meu som é tão longo
que minha maior frase é um ditongo!

Eu sou tão eu
que não sou eu!

Eu de novo

A minha vontade de ter
nem chega aos pés da fome deste ser

Os meus passos dados
são meios caminhos andados desse transeunte

Minha cidade inteira é
menor que uma pessoa que lhe nega uma moeda

Minha sede
não é o rio que seca dentro desse monte vivo ali

Minha fome é um nada
mediante ao jejum diário deste faminto

Meu choro é um cisco
Meu sorriso só dentes
Como comparar isso
às lágrimas vivas dessas gentes?

Busca

Altamente qualificado
é o pensar de quem está calado
O bradar do lábio selado
resgata um saber alquímico atrás das grades cerebrais

Quero um filtro bucal
para que o texto brutal,
que é essencial,
não se espalhe pelos vitrais labiais

Mesmo nas repetições ferrenhas,
dois labirintos, algumas senhas
aumentam o medo que tenhas.
Miragens anormais

Oásis no deserto neurológico
Quiromantes em linhas... Astrológico
Novidade entronizada neste pórtico
Minha alma, minha busca, meu viver
É regido pela Emunáh sedentária e hermética do Cosmos.

Confissão

Eu tenho acumulado tantas coisas
Tenho sonhado tantos sonhos
Escrevendo tantas palavras
Comido tantas guloseimas
Bebido tantas bebidas
Escutado tantas canções
Tenho vivido alegremente
nesse mundo sempre igual

Saí de casa às oito
Comi apenas um biscoito
Vesti o manto vascaíno
E avistei um senhor caído
Ele tinha fome
Sem roupas
Sem fé
Sem forças

Eu, na minha incapacidade
Eu, na minha miserável condição
perdi as forças,
perdi as palavras,
perdi o chão

A compaixão inundava meu peito
Eu queria ser aquele homem, imperfeito
como também sou imperfeito com os
defeitos que eu não corriji ao longo dos anos

Por que comigo não?
Por que eu tenho saúde?
Por que eu estou feliz se o mundo não é feliz?
O que move toda essa loucura que chamamos de egoísmo?

Sinto vergonha de mim
Como tu, oh Rui
também sinto vergonha de quem sou,
pela serenidade
nos momentos de necessária sagacidade

E assim eu vou acumulando tantas coisas,
tantas incertezas,
tantas estranhezas
que no final tornar-se-ão pó

Declive estático
Vivo nele

Poema da dor

Na dor me deleito porque
gosto de sentir dores de vergonha
Eu sempre vou atrás delas

Para nessa dor fingir,
como as enxaquecas do velho Fritz
repito: Seja bem-vindo, sofrimento!
Meu poema junto a ti não é lamento
Gosto de sentir
aquilo que me traz
novas inspirações

Quero deixar nos grilhões
os conceitos requisitados
por minhas criações
para reviver numa canção
a saudade da saúde,
os acordes da tristeza
e sofrer nessa certeza:
Sirvo a dor em minha mesa!

Idade

Idade
Mais idade
Muito mais idade
Que saudade

Experiência refletida em gestos
Sabedoria em atos modestos
A idade enrugada traz

Anos e anos de fé
Anos e anos de calma
Anos e anos de sofrimento
Anos e anos de alma

A felicidade é o nada
Nada é tudo e mais um pouco
Simplicidade, gritaria
Alegria é ficar rouco

No meu tempo era assim
O futuro é bem ruim
Conformismo com meu hoje
O que me resta é esperar

Idade
Mais idade
Muito mais idade

Como tenho saudade
De minha mocidade
Lá em minha cidade
Quando a caridade
Era a máxima da verdade!

Espelho da alma

Nem todo reflexo
é cópia perfeita
Às vezes o complexo
engana a beleza

Beleza que está atrás das costas
o espelho não mostra

Olhe pro espelho e diga:
Ser ou não ser
Não ser e ser

Olhe pro espelho e diga:
Quem é você?
Não sei dizer

A tua imagem no espelho
não mostra o vermelho
do sangue voraz

Que fervilhava no peito
Peito imperfeito,
mas sonhava ideais

Olhe pro espelho e diga:
Eu vou viver!
Vou lutar!

Queira mostrar para o mundo
a todo segundo
que o bem está por vir

Olhe pro céu, tenha calma
O espelho da alma
está bem aí!

Soro

Tô com fome de mais viver
para beber saudações

Quero reestudar o cangaço
e perambular qual Virgulino insatisfeito

Mas não quero ser um revoltado sem causa,
um carro sem pneus,
nem um pássaro sem asas

Chega de pedir o que não se sabe,
de falar do que não se viu
De mentir no primeiro de abril
e negar quando a resposta era sim

Estou com fome de mais viver
Saudade de mim mesmo
Triste e alegre
Ansioso e despreocupado
Inteligente e incoerente
Transeunte sem ruas

Não sei se é bom continuar a pensar assim,
cruzar os braços e fingir, cantarolar sílabas confusas

O interessante é continuar nesse descaso
Amanhã, mais um caso
Novos capítulos estão por vir

Apesar do rancor pessimista,
não desisto
É apenas o começo da fome
Me hidrato com
soro de paz!

Hecatombe

Verdugo infiel!

Estás presente em cada ato.

Cada palavra mencionada tem sua saliva.

Cada aperto de mãos tem suas dez unhas.

Cada baforada de ar tem a sua bronquite.

As pessoas estão desconectando

os fios que ligam os perfumes aos sentimentos.

Deixaram na gaveta os papéis

que iriam compor os novos capítulos de seus livros.

Culpa do verdugo infiel!

Estou aqui nestas frases para denunciá-lo!

E já o fiz!

Os gestos nobres, quase sempre

têm a introdução deste mestre de cerimônias inconveniente.

Até a poesia está cativa em suas masmorras.

O que resta de nós,

oleiros de verbetes?

Como exterminar esse algoz

que vive a voar como albatroz

à espreita de uma mente no vácuo?

Assassinando um por um,

palavra por palavra,

cabeça por cabeça,

o verdugo comete seus crimes impassivelmente!

Ninguém vê sua face!

É mascarado de rostos.

Lendas dizem:

“Para ao verdugo enxergar

só no espelho olhar!”

Bárbaro e fino.

Eu até imagino quem o criou.

Talvez eu, ou você,

ou alguém a quem hesito mencionar!

Dúvidas absurdas,

desejos perigosos.

Novas vontades de fazer coisas fúteis,

outros assuntos.

Melhor do que falar dos defuntos

que outrora tinham um número de RG.

Talvez um dilúvio salvaria o mundo!
Ressuscitem o mítico Noé
e o deixe conduzir essa nau salvadora.
Eu não vou.
Também estou contaminado.

Na verdade, tenho compaixão deste ser encapuzado.
O verdugo é fiel.
Pelo menos ao seu jugo.
E eu que tanto julgo
posso ser o verdadeiro algoz.
Não porque quero.

Finge

Contraditar a contradição
Esmolar um pedido
Tentar dar um sentido
a um ato fingido

O poeta da bonança
É meu amigo
e também inimigo
do próprio ouvido

Fome, miséria, faltas
Ajuda negada
Mão esticada
Sono na calada

Fogo, velório
Sepulta a ideia
Esquece que esqueceu
Morto, finge que viveu!

Mel caro Fel

A diferença entre
você e as fezes do cão
é que as fezes
(com toda a podridão)
estão livres,
no chão,
exalando odores na brisa que passa.

Tu,
(enteado do mal)
fede e está preso no seu codex,
nos grilhões de teu corpo
onde tudo parou,
nada passa.

No mais,
mel caro Fel,
apenas chove por aqui.

Fina dor

Talvez essa fina dor encefálica
seja a luxuosa punição
para a minha falta de coração
com essa face pálida.

Talvez essa fina flor que voa
seja a beleza do meu resto.
Meu lado que não detesto,
minha parte que ainda é boa.

Talvez essa fina linha divisória
seja apenas erro, de-visão.
Nada tênue, tudo ilusão,
deificação, honra e glória.

Talvez essa fina azia
seja um lindo purgatório
se apresentando no diário velório
que carrego desde a primazia.

Talvez esta fina sorte
que desconhece loteria
tão somente seria
o mensageiro de minha morte.

Talvez essa fina agulha
seja o prêmio de minha mentira
que faz nascer o incêndio da ira
numa faísca de ódio, pequena fagulha.

Talvez essa fina caneta
seja minha laura espada,
que amiúde, me afasta do nada
e me aproxima de tudo, é luneta.

Talvez essa fina esperança
seja meu banho desinfetante.
habeas corpus confiante,
pagamento da fiança.

Talvez essa fina dor aumente,
pois minha maior preocupação
faz-se hoje motivação
de viver a sanidade doente.

Corpo de Guerra II

Reina agora,
com a prepotência de um bravo comandante,
um corpo detonado.
Ainda vive,
só precisa ser tratado.

De tanto sofrer da guerra cotidiana,
o corpo clama até leitura de cigana,
caldo de cana
e compressa.

O moribundo,
que nas trincheiras da burguesia
foi bombardeado de insultos,
desprezou as formalidades dos “cultos”
e pediu nostalgia e pressa.

Não queria rever a família.
Não queria se olhar no espelho.
Almeja que o sangue vermelho
seja somente o leite das veias
e não o leite das ruas.

O corpo foge do inferno
levando nos hematomas bandagens.

Corre mancando,
levando a bandeira branca,
(que não era de Dalva),
mas era alva,
ou alvo.
Quem sabe?

Rajadas de insultos são disparadas por gravatas,
mas o corpo apenas manca,
nessa marcha ao suplício,
cheio de compressas,
compressa medicinal,
com pressa de vida,
com pressa de paz!

**Havia o poema Corpo de Guerra I. Ele foi um dos poemas levados pela água no fatídico dia.*

Nós três

A cada amanhecer eu fico tentando dar sentido a coisas sem sentido
Tento entender o que não se entende
e escutar o que não se escuta.
Meu nome?
Labuta!

A cada entardecer eu fico tentando dar ouvidos a quem já os têm
Tento ver o que não se vê
e falar sendo eu mudo.
Meu nome?
Mundo!

A cada anoitecer eu fico tentando dar palavras ao dicionário
Tento cheirar o inodoro
e ignorar o ignorante
Meu nome?
Diego!

Célula que sou

Observa-se uma
caixa de recolhimentos.
A caixa absorve o olhar
e o olhar recolhe-se.

Daqui,
me debruço com uma boa inveja.
Miro a caixa para
ser absorvido pelos recolhimentos.

Sem resultado.
Secretam-me.
Secreto-me.
Decreto-me.
Sei quem sou!

Tenho quatro lados iguais.
(nada de vidro)
Recolho tudo,
desde olhares de humor aquoso
às piscadelas de meretriz.

Reconheço-me célula.
Célula gigante, prestes a explodir.
Antes de ver esta explosão,
observo-me numa caixa de recolhimentos,
descubro-me coração!

Merecimento falho

Por que me dais o que não mereço?
Esqueço, fujo de mim mesmo com medo.
Sou a podridão e a perdição.
Não sou digno de pena, nem posso ser escrito ou descrito como algo.

O erro que grita em mim se cala em minhas ações.
Cala-se por pura falta de opção.
O bem quer se tornar trivial em meu viver,
enquanto que o meu viver esbalda-se na maldade.

Assusta-se?
Não vês que essas palavras tornam-se espelho para ti?
Não sentes que esses sentimentos namoram os teus?

Quero apenas o ponto final.
Quero apenas o final.
Quero apenas
o apenas...

Assusta-se com isso?
Então continue submisso às virtudes falsas de cada dia,
à falta de alegria nos próprios momentos de felicidade.

Por que não me dais o que mereço?
Lembro e trago para junto de mim com coragem
a coroa afogada em ferrugem.
Sou o exemplo, o templo, sou digno de honra.
Devo ser cultuado, condecorado com algo.

Quero apenas o ponto final.
Quero apenas o final.
Quero apenas
o apenas...

Alguém gritando por si mesmo

Reza, pobre alma desacreditada de si mesma.
Continue a se lambuzar nessa lama que já secou.
Ajoelhe mais uma vez e macere esse teu joelho marcado por pisos,
os mais diferentes e indiferentes a essa tua articulação dobrada.

Não me venha com ilusões vãs,
com soluções vãs,
com religiões vãs,
ou terapias vãs.

Não sigo nada.
Não quero não querer seguir nada,
mas nada se faz presente,
o que me dá a entender que nada no futuro terei.

Não fico em êxtase ao sentir arrepios provocados
por penas que bradam de alto-falantes corruptos.
Não entro em desespero ao ver pecados
anexados em meu currículo.

Prefiro meu cubículo,
onde a razão é bem vinda,
e todos os discursos são ouvidos.
Todos ouvidos, nem todos aceitos.

Estou cansado de promessas eleitorais,
de efeitos colaterais,
ou de propostas ideais irreais.

Mas, sempre existe um mas.
Os espinhos também são degraus para chegar à rosa.
Toda cicatriz vem de uma ferida,
e a luz da vida vem de um doloroso parto.
Todas as causas provocam alterações.

Admiro-te, tu que és fiel,
que como Rapunzel joga suas tranças
ao âmago do coração para salvar o que ainda resta
de amor, paz e felicidade.

Olhos fechados, joelhos dobrados.
Existe aí a emanção de sentimentos!
Emana ao ar, ao céu, ao léu.
Emana!

Admiro-te.
Sofres o que não sofreu,
chora um leite que não foi derramado por ti,
e luta por quem já foi a nocaute.

Pesadelo é imaginar uma vida caricata,
com propostas inviáveis,
conceitos ridículos,
conselhos sem sentido,
e advertências por incertezas.

O que resta é a fortaleza da razão
e a exclusão de máximas decoradas que
tornar-se-ão mínimas se somente forem recitadas.

O tronco que outrora era lugar de castigo
agora é meu amigo, ajudando-me a derrubar
as portas trancadas por chaves esquecidas.

Resume-se a isso

E vai saudade nova
Com o cálice de ouro
É tão bravo como um touro
O que cava a sua cova

Vai embora ser humano
Vai pra dentro do seu eu
Pois tem gente que morreu
Sem saber que era insano

Brigar, vingar, viver
Depois que o tempo passar
Chorar para morrer

O vício de falar
Daquilo que não vê
Saudade de voar

Vida pacata

Anda, vida pacata.
Ponha nos pés a alpercata,
leve na bolsa a idade,
cante na boca a amizade.

Anda, vida pacata.
Sonhe nas outras vividas,
fuja da rima de cima,
pinte no livro a idade.

Anda, vida pacata.
Vista-se de desespero,
encare a medusa
travestida de embriaguez.

Anda, vida pacata.
Peleje na peste!
Sente aí, vá!
Morda-se, mastigue-se.

Anda, vida pacata!
Fume orégano
pra saber se é bom.
Cuidado com o vidro.

Empurra-me para lá!

Ah, anseios impertinentes
Ah, não sei, inconsequentes
Força bruta
Que vive em labuta
e assim perscruta
os rochedos de nossas mentes

São nesses impulsos
que os mais cultos
agridem a alma
apesar da calma
como lê na palma
da cigana os vultos

Quem me dera?
Quem, em qual era?
Preciso encontrar,
mesmo além do mar,
na esperança de contar
que o futuro é uma quimera

Mesmo assim, é natural
lá no palco principal
que os atores aplaudidos
nas cortinas escondidos
nunca sejam compreendidos
pelo público frugal

Eu me sinto como um deles
Estou num mundo de outros seres
que apesar da realidade
nunca sentem saudade
De verdade,
não quero viver como eles

Por que me deste esta missão?
Por que me deste esta prisão?
Anseias a minha morte?
Talvez tu tenhas a sorte
pois sabes, não sou forte

Num mundo quente
onde o honesto é quem mente
espero e desejo que
sem abraço, nem beijo
eu me livre dos anseios impertinentes!

Capítulo III: O Grito do Barro

Boca Porca

O bafo de todas as palavras que são lambidas
por mães protetoras
sempre morre por esquecimento
no final do conto

O mesmo verbo dito
por todas as gentes
nos deixam dementes
ao sentir o mau-hálito da palavra

Vento quente e podre
não vem da boca,
não vem da louca,
não vem da língua
não vem

Vai da ênfase que é dada ao verbo
a ação por trás da ação

Emoção? Não!

Ali não tem sentimento nenhum
só algumas explicações sobre o hálito fétido
que se sente dos verbos proferidos
por bocas suínas
que vivem para diluir
ou morreram por não digerir
a ação
da ação
do mal

Alheias Rãs

o que posso esperar do meu semelhante
que tem um semblante pacífico
a me inebriar?

o que posso prever dos meus companheiros
que nos carnavais de fevereiro
pululam na surdez da alegria?

o que posso fazer com convites negados,
com rostos mascarados a mentir em sorrisos?

o que posso aprender de vocês,
larápios de sentimentos
a embrulhar excrementos em papéis de seda?

Fogo assassino

Ah, fogueira sutil
Tu me enganas mais que o 1º de Abril
Bem de leve a sua fumaça
sufoca os corações, os devasta

Você pensa que eu não sei
de suas atitudes, fora da lei?
Do seu modo sorrateiro
de atacar ao nevoeiro?

Aquele fogo medieval queimava o bem
Aquele fogo medieval queimava a liberdade
Aquele fogo só não queimou quem fustigou Joana

Dor no Sertão

Ao afundar os pés na areia
O calor faz pulsar forte a veia
E agita o meu coração
Quando penso que embaixo desta terra
Corre água que desce da serra
Mas não posso apalpá-la com a mão

Ao ver peixes assim decompostos
Maltratados, seus corpos expostos
Vi que o fim – para eles – chegou
Então lembro dos meus lá em casa
Que ainda vivem à espera do nada
Contemplando a erosão – Acabou!

Oh! A dor em meu peito massacra
Toma o meu coração e já lacra
E me faz ficar sem ação
Ah, se eu pudesse jogar minha rede
Para assim saciar toda a sede
Com minhas lágrimas que caem no chão

Oh, meu Deus! Me responda, Senhor!
O meu povo com tanto labor
Não consegue a sede matar
Que terra é esta em que tudo brota
Que o cavalo magrinho trota
E que se faz tudo, menos plantar?

As imagens não são suficientes
Para deixar todos conscientes
Do que é ter sede no sertão
E ver os filhos chorando, descalços
Sem ter roupa, com fome – percalços
Sem poder fazer nada – inanição

Que tristeza que dá ao pisar
Nesta terra que era chão do mar
E não faz nenhum grão germinar
Sofrimento, que falta de sorte
Cada dia esperando a morte
Para assim essa dor terminar

Desabafo do Podre

Mundo desgraçado!
Estou junto nessa podridão.
Tudo é podre, mal.
É mal sim senhor!

Que droga é essa que corrói a pureza do sentimento?
Não é pedra, ou pó, ou tabaco, ou sabe lá o quê.
É ganância, inveja, malícia.

Mundo desgraçado,
cheio de gente podre, em eterna putrefação.

O povo morrendo na seca
na miséria, na sede...

Que dor terrível tão inerte ao beijo da morfina!
Podre, três vezes podre.

Estou farto de tantas frivolidades,
de animais de terno,
de laráprios nas religiões.

Minha arma de contenção é a crença,
(mesmo que até o final deste desabafo)
num lugar mais podre que esse mundo vil.
Talvez lá, esses obsessores purgarão suas concupiscências!

Desculpem-me!
Essas palavras assassinaam meus inúteis conselhos de ontem.
Mas as pontas de meus dedos apontam a ponta do lápis
e atiram palavras de baixo calibre nos alvos incertos.

Incontrolável movimento.
Não consigo me conter.
Minhas condolências...

O podre pede bandeira branca.
O podre pede ouvidos aos poetas.
O podre pede filosofia aos reis.
O podre pede água à boca seca
e pão aos sacos cheios de vento,

que teimam em permanecer de pé na erosão
como os cactos do sertão.

O podre pede uma segunda chance
aos que, com força sobre-humana, exalam esperança
com sorrisos que não precisam de dentes
e olhos que não precisam de lágrimas!

A volta do peregrino

Como passam rápido estas árvores
Tão verdes e velhas, centenas
Não pensam, nem movem-se, folhas
Respiram por nós apenas

Saindo de onde eu estava
Entrando onde sonhei
Adeus, já cansei da estrada
Um rumo na vida tomei

Os novos não são tão mais novos
E os velhos morreram, foram-se
Mas os pensamentos não mudam
Vendem-se. Matam-se. Compram-se.

E penso então no que sou
No pouco que eu aprendi
Ao ver esse povo estulto
Ensaio chorar, sonho rir

Então sou tachado de louco
“Aqui o que é novo não jaz”
Mas não quero reinar, só ajudar
Quero o bem para todos, só paz

Mesmo assim não quiseram me ouvir
O insulto adentrou meus ouvidos
Falei frases argumentativas
Meus intentos foram suprimidos

Fui expulso da terra natal
Onde cresci e aprendi a viver
Quando fui, ouvi: Vai com Deus
Estou de volta e ouço: Quem te quer?

Nesta hora lembrei de um ditado
Que um amigo me disse outra vez
O povo que é acomodado
Tem por virtude a insensatez

Será que é sempre assim?
Os que querem o bem sempre sofrem
E os que vivem no mal querem sombra
Realmente são bons os que dormem!

Para onde voltar, para onde?
Para onde irei me esconder?
Vou morar nas aldeias, nos mares
E esperar o dia de morrer

Não! Então eu morro agora
Minha parte eu sei que já fiz
Só queria ver todo esse povo
Ser bondoso, ser livre e feliz!

Olhos fechados

Fala-se de amor
Fala-se de fé
Fala-se do homem
Não esquecem da mulher

Vozes empolgadas
Clamam caridade
Afugentam as trevas
E trazem claridade

Buscam a verdade
E dizem que encontraram
Discursos mais avulsos
Da terra emanaram

Muito bem, já entendi
Quem não conhece, até ri
Mas por trás do pano alvo
As mortalhas caem em ti

Ao caminhar pelas ruas
Imundas, algumas tão belas
Figuras de todos os tipos
Tão tristes, os tais sentinelas

Uns com pedaços de panos
Tão limpos, cheirosos, vistosos
Com coisas supérfluas se exibem
E sentem-se tão orgulhosos

Oh Deus! Oh Pai de bondade
Tende piedade, Deus puro!
O homem nem tudo entende
Fugiu de sua luz, foi para o escuro

Ao ver tais pessoas assim
Medito em meu coração:
Por que existem pessoas tão más
Que fogem de toda a razão?

Onde estão essas vozes tão belas
Que há pouco falavam de amor?
São surdos ou fingem não ouvir
As vozes que gritam de dor?

As vozes que gritam de fome
Entoadas num réquiem tão triste
Sem futuro, sem perspectiva
Só perguntam: Deus mesmo existe?

Política dos nobres

A gente esquece tremendamente
o mal humano
Depois de tapar com um pano
o prazer temporário

O homem inescrupuloso,
governante insano,
depois de “entrar pelo cano”
sublimou a burrice

Morrem pessoas
Mata a fome
Mata o fôlego
E a miséria migra
para os cafezais secos
dentro dos pobres corações

Por que não sentir?
Acho que o homem não deveria existir
Sua existência é falha, danosa

Os homens de nome são acéfalos
Matar, tirar dos pobres
são atitudes dos nossos nobres
que infelizmente elegemos apertando alguns botões

Miséria dominical

Cerúleos olhos.
Lágrimas diáfanas.
Até quando continuarei a vê-los semanalmente?
Triste é o olhar do meu coração.

Cerúleos olhos.
Lágrimas diáfanas.
Não entendes nem a própria emoção que sentes!
É fome ou frio.
És levado por esse rio de programas dominicais
que te presenteia com móveis modernos.

Ah, cerúleos olhos.
Lágrimas diáfanas.
Quanta angústia eu sinto ao ver seu sofrimento
alavancando a audiência.
Será que o máximo da criatividade humana
é trabalhar na miséria alheia?

Cerúleos olhos.
Lágrimas diáfanas.
Diáfanas de sentimentos visíveis aos olhos comerciais.
Fome vende.
Tapetes vendem.
Barracos vendem.
Miséria vende.
Pobreza vende.

Todo dia do Sol
o farol, a luz ao fim do túnel que o marketing encontra
é dar casas, comidas e roupas...
Exaltação de lágrimas que brotam dos cerúleos olhos de alguém confuso.

Cerúleos olhos.
Lágrimas diáfanas.
Sinto-me incapaz!
Não admito o uso de lágrimas de miséria
para o alcance de audiência de uma massa.

Talvez a única solução seria mudar de canal.
Mudei.
Cerúleos olhos.
Sem lágrimas.
Tu que choras agora aos soluços,
nem lágrimas tens.

Diáfanos são os corações que te filmam,
que te editam
e te acrescentam falsas emoções.
Tudo por números idiotas.
Tudo por idiotas.

Domingo, na TV
a miséria humana é a atração principal.
Durante a semana, no jornal,
a pobreza é demasiadamente retratada.
No primeiro dia da semana ela é tornada o ápice da programação.

Cerúleos olhos.
Usam suas lágrimas agora.
Tu, coitado, não sabes o que fazer.
O azul nos teus olhos entenebrece de vergonha.
Tens vergonha, eu sei.
Quem gostaria de ver suas lágrimas, e todos
os castigos da vida expostos na TV?

Cada vez mais retrógrado.
Cada vez mais néscio está o homem.

Ah, cerúleos olhos
Lágrimas diáfnas.
Que pesar sinto por ti.
Adianta desligar a TV se a produção ri ao ver os números aumentando?

Árvores

Como um certo cego,
vejo homens, perambulando, como que árvores.
O que eles querem?
O colapso da sociedade.
Vivem entre a seriedade e o sarcasmo.

Esbaldam-se em frivolidades,
banham-se em rios de mentiras,
e vestem-se de ira, felpudos feito ovelhas.

Sem mais palavras.
O que vejo agora não tem nome!

Humanidade

Devo ter me expressado mal
quando quis enganar-me
Devo ter entendido o que não queria entender.
Por que?
Coisas do destino

Acho que a estrada terminou
A rua acabou
A casa é na esquina
O amor está na alma!

Deixa o tempo ditar o vento
Deixa o sono dançar à noite
Deixa a palavra soar

Caminho para aquilo que eu não digo
O que falo é abrigo de meus medos
O que amo é tesouro imperfeito
pois o perfeito é o criador do imperfeito

Minhas inquietações
não são as suas
Minha dor depende da sua
Oh, humanidade!
Oh, humanidade que quero bem...

Só queria ver-te crescer
Só queria crescer contigo
Só queria ser criado por ti
Só queria morrer nos teus braços
e ter a certeza de que tudo iria continuar
Que todos continuariam se amando

Humanidade!
Que pena...
Devo ter me expressado mal
Mas é através de minhas palavras erradas
que busco a *aletheia*
Como um cativo que chora a própria incapacidade,
só queria te ver de pé.

Egito

Noite fria
O vento oscilante
é envolto nas areias dançantes
Estou no Egito

Terra de Ptolomeus e Hebreus
Mesmo fugidos, nasceram
aqui alguns dos seus

Triângulos gigantes
Tumbas, cartomantes
Sacerdotes, faraós e ouro

Logo à frente
Se avista uma caravana
Várias corcovas bailando qual ciganas
Ladeando o Nilo que se estende ofídico

Como ondas
Ondas dos mares vermelhos
ou mediterrâneos

Seguem com gestos espontâneos
os pastores do deserto

Só isso é o Egito?
Só isso está escrito?
Só isso eu tenho visto

Inconformismo

A gente nunca se conforma
Mas a barriga tenta empurrar
Então a vida nunca toma forma
É como um vaso sempre a modelar

Grita, faz escândalo na rua
Fica atento aos anúncios da TV
Mas quando chega a hora da verdade
O silêncio mostra todo o seu poder

Eu sei que é assim
Abaixar a cabeça nunca foi ruim
Sempre é bom submeter-se

Eu sei que é normal
Levantar a cabeça sempre foi legal
Sacrifício para mover-se

Infantes

Infantes.
Infantis a cruzar mares.
Vamos brincar de fincar bandeiras?

Contra a cultura,
sonham com a ruptura
de um povo!

Na verdade, eles nem sabem
o que é cultura!
Estão à altura
de um monte de nada.

Infantes.
Hostis imigrantes do velho mundo.
Não pensavam em nenhum segundo
na construção desses Brasis
individuais de cada dia.

Na verdade, eles nem sabiam construir sonhos.
Queriam usufruir
a melhora da morte.

Infantes.
Não sou contra os imigrantes,
nem a vós, oh infantis infantes!

Apenas explico que antes
não existiam amantes
ou longínquos viajantes
que queriam crescer
com a brava gente brasileira.

É normal o errante vil
esconder-se no Brasil!

Cortejo de Morte

Bom dia.
Mais duas palavras tramadas,
entrelaçadas.
Músicas um pouco fúnebres embalam
o cortejo de morte.

Não é súbita
nem tão pouco pendente, mendigando lágrimas.
É surda, não percebe que morreu.
Não entende que morre aos poucos.

Já estão roucos
os que clamam o fim.
Já estão loucos de tanto insistir.
Já estão desnorteadas
as setas das bússolas pacificadoras.
Já se cansaram os maratonistas,
e as febres estão abaixo de zero.

Definhando a cada dia,
a passeata surda caminha pela vida.
Todos estão feridos, todos!
Ninguém morreu, ainda.

O cortejo de morte segue firme.
Sem medo de ser feliz.
Sem felicidade para ter medo.
Em segredo, nutrem-se de elogios.
Assobiam para si mesmos,
gabam-se do nada feito,
glorificam-se dos defeitos,
e riem-se olhando para o espelho.
No escuro.

Cortejo triste.
Multidão em direção ao abismo.
Cheios de sofismo,
dão definições ao inexistente.
Elevam a ética onde não há amor.
Overdose de morfina sem sentir dor.

Morte ambulante!
Cada minuto é um sepultamento.
É o lamento cronológico diário
dos que não recebem salário
para bradar paz.

Cortejo de morte.
Livram-se os que têm sorte
de ainda não terem encontrado
os vendedores de ilusões,
os investidores da alegria passageira,
os empresários do ilícito,
que todo dia acordam com as mesmas intenções:
Fazer da vida um velório infindável,
de prazer invisível,
numa paz vã.

Caminhando e morrendo e seguindo a canção,
o suplício dos que se dizem fortes
é o que move o cortejo de morte.

Macabeu

Bate esse martelo
Não sejas tão singelo
Bata!

Decrete a nova emenda
Mesmo que eu não compreenda
Basta!

Diga em tons di-versos
Que as almas dos per-versos
Choram demais

Briga dos meus versos
Criando uni-versos
com luas astrais

Quantas vezes vai ser preciso
dizer a mesma coisa?
A mesma coisa... Aquilo...
De novo...
Novamente...
Bate esse martelo!

A cor da púrpura

Chorei como nunca havia chorado
Minhas lágrimas em meu rosto corado
Exprimiam o sofrimento do meu ser
Encontrei uma criança lá na praia
Tão sozinha, como quem levou uma vaia
Desolada, com vontade de morrer

Ela estava ajoelhada em frente ao mar
Meditando, farejando com olhar
Parecia que estava à minha espera
Algo forte me atraíu, fui ter com ela
Eu o barco, ela era a minha vela
No oceano sem destino a navegar

Perguntei-lhe: O que queres, tal quimera?
És de longe ou viestes de outra era?
Tua imagem me inquieta!
A criança permaneceu calada
Tinha ares de que nunca fora amada,
Que ninguém atravessou a sua reta

Sua minúscula mão alva, esquelética
Movimentava duvidosa, meio cética
Fez sinais para chamar minha atenção
Abaixei o meu ouvido à sua altura
Adentrei talvez em uma sepultura
Que há anos foi cavada neste chão

Esse anjo, criatura divinal
Foi sorrindo me dizendo triunfal:
“Encontrei alguém que pode explicar
As angústias que massacram o meu peito
Que me faz sentir o ser mais imperfeito
O meu defeito, a minha cruz, o meu olhar!”

O meu olhar é tão ébrio e escuro
É uma casa negra, meu corpo é um muro
Cada passo é uma angústia, um pesar
Mas você, que me deu ouvidos, vai dizer-me
Explicar-me, por favor, tente entender-me
Sei que és sábio, és meu barco sobre o mar”

Indaguei esta criança magra, pálida
Por que ela se achava tão inválida,
Pois em sua frente uma auréola a envolvia
Um par de lágrimas cruzou as faces rosas
Daquele anjinho ajoelhado a ouvir minhas prosas
E as palavras aos soluços engolia

De repente, criou forças, respirou
Decidida, minhas mãos ela tomou
Explicando em frases curtas de guri:
“Essa cruz que eu carrego é no rosto
Tenho olhos, mas não vejo! Que desgosto!
Eu sou cega desde o dia em que nasci

Mas eu já me acostumei
Só duvido do que sei
Ou do que vão me mostrar
O que eu quero é perguntar
A você a me escutar:
Qual é a cor do mar?”

Eu, em minhas conclusões funestas
Bradei bem alto, como fazem nas festas:
Ele é azul, azul como o céu!
E fiquei satisfeito com o que disse
Como se aquilo que eu falei a instruisse
A depor para o Juiz! Pobre réu!

Novas lágrimas cortaram suas bochechas
Como a serra da Contamana ao Seixas
E penetraram nos milhões de grãos de areia
Meu sorriso se tornou uma ameaça
Onde eu era o caçador e eu era a caça
Fui levado pelo canto da sereia

Mas que canto triste de soluços inefáveis
Onde o sofrer e a dor são maleáveis
E o viver é tão penoso quanto a morte
A tal criança repetiu calidamente
Silenciosa, de maneira envolvente
As perguntas que derrubam quem é forte!

Ela disse, como olhando para um espelho:
"Me explique como é o púrpuro, o vermelho
Como pode ser a cor do meu cabelo!"
Eu fugi, corri para o mar, fiquei ancorado
E chorei como nunca havia chorado
E nunca mais tornei a vê-lo!

Quase cegos

Como é bom olhar de cima
E ver os doutos lá em baixo
Em correria matutina
Carregando seus tachos
- Não me enxergam na campina!

Correm loucos obrigados,
Enviados em missão
Estão sobrecarregados
Não conseguem dizer “não”
- Não me enxergam os coitados!

Andam sempre calados
Só respondem por sinais
Pensam que são educados
Mas não passam de animais
- Não me enxergam nos tablados!

Fazem festas no curral
De manhã vão para os escritórios
Contribuem para o mal
Depois choram nos velórios
- Não me enxergam no hospital!

Se me enxergam, eu sou louco
Se me ouvem, dão risadas
Se me esnobam, eu sou o outro
Se me falam, dão berradas
- Não se enxergam nem um pouco!

Vendendo Conselhos

Ouçam todos!
O cinza do céu é apenas cinza.
Gélidos ventos, nada mais que sopros,
ou frio, ou ar.
A arma letal, além de matar,
não tem outras aptidões.
Melhor, não está em suas mãos.

Ouçam todos!
O canto da cigarra não é sinfonia,
porém nunca vi em agonia
ouvintes moribundos.
A solidão bucólica tão somente
é o casamento do silêncio e da paz.

Ouçam todos!
O calor escaldante do Sol
é apenas o calor escaldante do Sol.
Maravilha!
Ainda não se ouviu falar
em ebulição do suor.

Ouçam todos!
Não sejam os bobos da corte do Rei Papel.
Não cortem as tranças de Rapunzel.
Sejam os donos da Verdade, pelo menos de suas verdades.
Vejam o mundo ao redor, não é tarde.
Enxerguem com os corações dos cegos.
Só olhe.
Só sinta.

Troca duas de cinco?

Perfis Sutis I

Parece que cada vez mais
A vida tornou-se um perfil
Os momentos tão singulares
São como linhas de um vinil

Uma agulha afiada
Vai registrando os fatos
Tudo o que foi vivenciado
Acabou virando letras

Sentimentos são letras
Por trás das fotos existem letras
A família está reunida em letras
O amor? Apenas quatro letras

Os diálogos reais não existem
Os diálogos virtuais persistem
Se ambos, distantes, sentissem
O que em tantos instantes assistem

Tudo seria como uma canção
Como o sopro da suave brisa
E o gemer de um piano
Em Beethoven "Para Elisa"

As faces não são como antes
Onde os mais simples gestos
Transformavam os caminhantes
Em sedentários modestos

Mesmo apesar do desprezo
Do desespero incalculável
Existe ainda uma luz
Que pode trazer o que era amável

Essa marcha ao suplício
Nem Berlioz imaginava
O fim desta caçada
Era apenas o início

De um tempo que eu não viverei
E sabendo disso eu não sei
Se fico triste ou salto alegre
Se gela o frio, se queima a febre

Mas os perfis são opacidades
São novas cidades desertas
Ou mais letras juntas, funestas
Que demonstram fugas, maldades

Eu tenho medo do que está por vir.
Qual será o rumo da vida?
Hoje, letras e fotos
Amanhã, almas sofridas

Perfis Sutis II

Engraçado
Dar risadas de mentiras
Chorar cenas e improvisos
Como é capaz?
Como se faz?

Rir de si mesmo na inutilidade cotidiana
Chorar em último caso
Nem sempre a morte!
Ali no palco é tudo mentira
Ali na TV é engano
Por que chorar?
Por que a comoção perante uma falsa ação?
Reflexos e reflexões

Nem sempre o palco é fake
Você mesmo é o remake
Na sua ação cotidiana, toda tramada,
Ensaíada, persuadida por você mesmo

A TV são seus olhos trêmulos
Olhando direita e esquerda, simultaneamente

Perfis Sutis III

Entre os mais felizes
Entre os mais inteligentes
Entre os mais pobres
Entre os mais descabidos

Entre os que não sabem
Entre os que sabem demais
Entre os mais doentes
Entre os que se vestem bem

Entre os mais violentos
Entre os mais sensatos
Entre os que menos leem
Entre os menos esquecidos

Entre um, entre outro,
o calabouço está vazio.

Os ambientes ermos, cada vez mais solitários.
Ninguém aceita viver por lá, nem por salários.

Não esqueça de responder às perguntas.
És mais do que números.
És informação!
Minha boca é só gargalhadas.

Informação?
De quê?
Cada ser é um universo.
É um verso escrito com rimas únicas,
com verbos em desuso,
conjugados pelo poeta mais-que-perfeito.

Cada família é única.
Os Silva, Souza e Santos,
e outros tantos
são vozes singulares.

As pessoas são muito mais
que a estatística do IBGE.
O povo apenas é.

Todos têm a qualidade de ser
e só ser já basta.
Eu sou, tu és, ele é.
Nós somos, vós sois, eles são também.
E a voz na TV a engazopar:
“És mais do que números, és informação!”

Gostaria de ficar fora dos números,
entre o um e o dois,
sem frações, nem dízimas periódicas.
Quero ser o entre.
Viver muito mais além do mais ou menos

Sem guarda-chuvas na mão,
queria me equilibrar na tênue linha
entre dormir e acordar,
letras e números,
vida e morte,
azar e sorte.

Fa sed o quê?

No Brasil do total flex
Sempre é mole a dura Lex

Sorrindo em lágrimas

Eu queria saber quem é
o protagonista de minhas interrogações.
Não tenho emoções.
Essas eu deixei atrás das portas trancadas
(das chaves esquecidas).

Eu sofro com o que ouço,
mato meus enigmas,
esqueço meus paradigmas
e sorrateiramente,
treino uma luta
corpo a corpo
(comigo mesmo)

Sabes porque tudo isso?
Digo:
Ouvi memórias da humanidade,
derrotas e glórias,
vi fome, peste,
e investimentos em armas.
Investimentos em armas!

Por que armas, meu Deus?
Onde está o ânimo do urânio?
É doce o açúcar da bomba atômica?
Com essa rapidez,
como poderá em abril
a piada que sai do fuzil
roubar um sorriso de qualquer rosto?

Cúmulo da contradição:
Apostar no lixo
é jogo do bicho (gente)

Sabes,
é desgosto.

Sabes,
é pessimismo.

Glorificarei até o fim
a insignificância.
Desviarei o olhar da ganância
e professarei meu credo.

Quero chorar,
mas as lágrimas apenas abrem os poros da bochecha.
Essa comoção é passageira.
A podridão humana ainda viaja.
Quem há de parar?

Infratores amores

O pior dos infratores
também chora ao término do verão

O pior dos malfeitores
Também sente a bomba “coração”
a engasgar a garganta
quando escuta aqueles mantras que emanam paz

As pedras mais duras
também choram lamúrias

As águas mais profundas
também buscam a luz do Sol
através de suas extensões
que vão dos abissais ao mais humilde cais

O bicho mais violento
também brada por sua cria um lamento

O pior dos cantores
também canta amores
esquecendo do tormento
que é emitir uma voz voraz

A angústia para explicar o mal
nada mais é que a astúcia de adentrar no irreal

Natural é o costume
de enxergar volume
em sacos cheios de vento

Nem sempre as atitudes mais nobres
derivam de alguém tão aclamado

As palavras mais pobres
podem brotar dos corações uniformes
que na vida são elevados

Conforme fora predito
este escrito,
o édito mais sublime
pode surgir de algum crime
cometido por um lábio calado
que simplesmente silenciou
ao contemplar o ser mais bondoso
cometer o ato mais pavoroso:
Não cuidar de seus infratores amores

Marionetes

Questionei a justiça
que dizem que vem dos céus.
É meu instinto.
Talvez herdado,
todavia é meu.

Ao olhar a janela
avistei os nimbos unidos em gangues.
Pareciam que estavam dispostos
a me vender.

Tudo isso não passa de brincadeira.
Era eu a cabra cega.
Não havia algo para acertar.
Não a via.
Só nuvens em multidões
chorando lágrimas de crocodilo,
manchando minha visão do luar.

Questiono o vigor
do dogma desta crença
que prega: Que ninguém vença!
Dispensa
falar dessa justiça,
pois não há herdeiro do derradeiro!

Geralmente,
depois que me emociono
com as lutas de classe,
acontece esse sutil desenlace
de dúvidas bem pertinentes.

Entretanto,
amanhã perderei a concentração
e acabarei empurrando com a barriga minhas falhas.

Tudo isso não passa de uma brincadeira.
Eu era a venda da cabra
que de cega nada tinha.

Da janela,
chinas de nuvens.
(moral da história)
A natureza não gosta
de ser questionada,
mas continua parindo marionetes!

Sem título, sem sentido

Iracundo mundo, a culpa não é sua.
São esses vagabundos que o habitam.
Tão horrendos, levianos, pifões à zurrapa!

Mesmo com o mourejar de alguns,
a grande plebe ainda vive a conspurcar-se no erro.

Ah, mundo estapafúrdio, és inocente!
Choras a inópia desse teu povo copioso!
Que coima carrega por eles!

Todos nós, infratores terráqueos,
farsantes, larápios,
estamos levando à ruína nossa casa.
Talvez não chegue à Medina, vossa casa,
tu que explodes o opaco!

Mundo contristado, não fique entenebrecido.
De ti não tenho esquecido.
Fujo sempre da esqualidez desse povo chué.
Tua destruição é o troféu deles.

Ademais não entenderão suas lágrimas chuvosas,
seus sopros gélidos,
sua febre em ebulição,
e seus tremores nervosos.

Cuidado, oh amigo mundo!
Não fique decepcionado com seus filhos!

Sinto pena

Por que sinto pena
se não é animal?
Por que sinto pena
se é tão brutal?

Por que sinto pena, afinal?

Alguém já me dizia
que do homem não se sente “dó”
De tanta euforia
o homem acaba só

Mesmo assim, eu sinto pena.

Na tarde de domingo
renascido o rococó
eu relembro insistindo
que não posso sentir dó

Por que sinto pena, afinal?
Por que sinto pena, é o final?

Tentativas dos poucos

A pele não conta
Nem mesmo a cor
Dá medo, horror
De ver o que dizem
De ver como vivem
A cena, o ator

Quantos corações
Sentem tantas emoções
Mas não sabem expressar
Pois a sorte é maldosa
Finge ser tão saborosa
Campeão é o azar

Resume-se à pele
Resume-se às vestes
Os seres mundanos
Sentimentos no lixo
O irmão é um bicho
Que orgulho “ser humano”

Existem, no entanto
Pessoas que no espanto
Tomam várias decisões
Novas tentativas
Devagar - Locomotivas
Que acabam nos grilhões

Capítulo IV: A Mística do Verbo

Nazareno

Desenhada como aranhas
Camuflada em versos
Situada em montanhas
Nas páginas imersas

Nas páginas imersos
Os melhores conselhos
Os melhores espelhos
Na alma impressos

Não tem idade
Nunca foi velho
O livro da vida
Chamado Evangelho

Rezai-vos
Cuidai-vos
Curai-vos
Amai-vos

O nazareno era sábio
Mas pouco foi entendido
Nasceu no olho do mundo
Entre um povo corrompido

Nada escreveu nesta terra
Só ensinou o amor
Mas o homem, essa fera
Se completa em rancor

Reclama da vida todo o tempo
Sem saber o que é viver
Não agradece a nenhum momento
O que tem valor é fácil esquecer

Cristo Pão

Cristo, clara luz
Carne entre nós
Não me deixe a sós
Puro amor - Jesus

Sei que é puro, oh pão
A carne dos famintos
Aniquila os maus instintos
Busca abrigo em cada irmão

Como pode Jesus, que outrora veio
Penetrar nas moléculas de amido?
Mesmo assim eu creio!

Não há nada que explique o que é
Me evadi da ciência, da razão
Meu alicerce é a fé!

Tear

Tudo está interligado
Mesmo o que não era esperado
Já estava entrelaçado
Na trama impetuosa da vida

Vejo fotos, vozes, uma ideia
Todos unidos numa pangeia
Juntos formam uma geleia
Na trama impetuosa da vida

As músicas pensadas nesse instante
Os versos inspirados, tão distantes
Já estavam enamorados
Na trama impetuosa da vida

As famílias enérgicas, nobres
As famílias sintéticas, pobres
Tem seus filhos unidos, casados
Na trama impetuosa da vida

As idades, as formas, o ar
Os rios, os lagos, o mar
Tão juntos, são inseparáveis

O Mestre no Tear sagrado
Com amor, desejo, de bom-grado
Traça o fio, em tranças irremediáveis

Oração ao Ser!

Oh Ser de movimentos,
Traga a melancolia,
A alegria que mora em Ti
A sabedoria que estuda em Seus olhos
A paz de Sua música
E o silêncio do Seu presente

Oh Ser corredor,
Me ajude a vencer a maratona
Ou então, que eu apenas complete a prova
Se não, dê meu lugar ao mais ágil
Que ainda não pode andar

Oh Ser compreensivo
Torna-me expansivo
Sem deixar vestígios
Leve-me com vento
Ao momento mais inoportuno
Para ser teu aluno
Na escola de livros em branco

Oh Ser.
Eu não sou!
Ensina-me a olhar o espelho da alma
Para que com calma
Eu perceba o Seu Ser em meu ser
Para eu saber quem eu sou
Pois já sei quem Tu és

A vida vale o amor

Do que vale a vida
Se eu não amar?
Do que vale a vida?
Do que vale o tempo
Se eu não for com o vento
Até os confins do mar?

Do que vale a vida
Se eu não olhar?
Do que vale a vida?
Do que vale o tempo
Se eu não for com o vento
Onde ninguém quer ficar?

Do que vale a vida
Se eu não faço o bem?
Do que vale a vida?
Do que vale o tempo
Se eu não for com o vento
Onde existe alguém?

Do que vale a vida
Se o amor não me consome?
Do que vale a vida?
Do que vale o tempo
Se eu não alimento
Aqueles que têm fome?

Do que vale a vida
Se eu não faço nada?
Do que vale a vida?
Do que vale o tempo
Se eu não for atento
Às vozes na calada?

Do que vale a vida
Se o fim está marcado?
Do que vale a vida?
Não há nada revelado!

O tempo vale tudo?
A vida vale o mundo?
A vida é tão sagrada
Até o último segundo?

O fim é o começo de outra vida?

Uma vida que é perene
Sem dor
Que é real, o mal a teme
Livre acesso para o amor

Do que vale a vida?
Do que a vida vale?
Como a vida lida
Com essa ferida?

Ao amigo Chico

Quantos mandamentos?
Quantos documentos?
Quantas peripécias vãs?
Quanta quântica sã?

Quem foste tu, oh Chico?
Um jovem?
Um anjo?
O mal?
Ser banal?

Certamente que sim, ou não
Em parte, tu foste o varão
O clarão da natureza
A luz da certeza
De que o bem não vence o mal
O bem melhora, aprimora
Tudo que demora e apavora

Se há vitória
Há um perdedor
E não é de derrotas
Que nasce o amor

Possivelmente, o que outrora era ruim
Atualmente continua a ser
Mas, explique-me, oh Chico
Como é morrer?

Morrer para vestes
Morrer para a fome
Morrer para quem bebe
Morrer para quem come

Morrer para o ar
Morrer para o sol
Morrer para a noite
Morrer sem farol

Morrer para a terra
Morrer para os seus
Morrer para tudo

Morrer para os meus

Como entender esse espírito?
Como entender este empírico do amor total?
Como entender esse mortal
Que no pior temporal
Sentia o crepúsculo dominar suas têmporas?

És tu, oh Chico
O masoquista do amor
O Paradoxo mundial
A contramão do normal
O líder de uma solitária multidão
Sedenta de novidade
De caridade
De solidariedade
Que segundo tu, oh amigo Chico
Só pode ser proporcionada por todas as vozes

Francisco com calma sonha
Francisco com febre louva
Francisco com fome esbanja
Francisco sem nada ainda quer ser menos que o nada

Chico da fé, da paz, responda-me:
Quantos mandamentos são necessários?
Quantos julgamentos? Quantos horários?
Quantas palavras? Quantos salários?
Quantos salvar? Quantos? Vários?

Que loucura é essa de morrer para si?
É a doçura de viver sem fim!

Que armadura é essa que nunca se desfaz?
É o olhar terno, de quem vive em paz!

E as perguntas, não vai me responder?
Não posso, faça isso por você.

Dúvida e certeza

O mundo duvida de Deus
O mundo duvida da vida
O mundo duvida do mundo
O mundo duvida, duvida

E se nada disso existe
Se tudo é um sonho irreal
As coisas são farsas - persiste
Mentiras do bem e do mal

Não pode, não pode haver
Esse tipo de coisas na mente
O que os olhos enxergam é real
É real quando o coração sente

Que seja fé - cada um tem a sua
Que seja amor - cada um tem o seu
Se há vida - a verdade está crua
Se há certeza - o bem não morreu

Mentes puras

Por que todas as canoas
Que imergem em águas escuras
Mesmo sendo tão puras
Naufragam por pessoas?

Por que todos os pássaros
Que voam para outras matas
Não voltam, tem asas inatas?
Ressuscitem novos Lázarus!

Por que os bons corações
Que têm atitudes bem tomadas
E velhas ações tão renovadas
São interrompidos por razões?

Francamente,
Os poucos Homo sapiens
Que valorizam alguns porcos
Estão sendo mortos
Por muitos Homo aliens
Friamente

Até quando será assim?
Parece que o lamento
É música para o sofrimento
Era pra ser assim?

Por que as obras de Deus
Isso, as obras humanas
Muitas vezes tão insanas
Causam mal aos filhos Seus?

Dizem que a mente
É totalmente incapaz de compreender
Os desígnios que a vida quer prever
Mente quem fala da mente

Geralmente são as pessoas
Que naufragam em canoas
Lá no fundo, em águas escuras
Perpetuam com suas mentes mais puras

Percepções da madrugada

Parece que tudo é interligado
Eu coordeno tudo
A chuva que ouço
só chove lá fora

Aqui dentro ela
não me interessa
Porque está tudo
interligado por aqui
Sem chuva!

Eu não coordeno tudo
Nem minha vida,
que eu esqueci
de incluir em tudo,
inclusive em mim

Sou propriedade privada de quem?
Do Ser de movimentos,
do Onipotente,
a quem muitos chamam Deus
Eu também

Destinos improváveis

Pressinto que vai chover
Vivo sem destino.

Se a fartura das nuvens
vem das águas diluvianas,
que as festas insanas
adentrem-me.

Pressinto que vai chover
Vivo sem guarda-chuvas
As minhas luvas são calos
que me protegem dos enganos
Mundanos, humanos
querendo me desestimular

Se vivo, não estou morto
Se estou morto não sei que morri
Obrigado Epicuro por não me iludir!

Se o destino é viver, que eu viva
Se o destino é morrer, que eu morra
Se as águas submergiram, que eu nade
Só não posso deixar que a chuva que virá me leve
Só me lave

Capítulo V: A Dança de Cronos

Sono (meu desejo)

Fiat voluntas tua
e farei!
com licença, eu mesmo darei a sentença:
quero dormir!
quero o mundo nos braços de Morfeu.
até quem já morreu deverá ressuscitar e dormir.
podemos sonhar à vontade
todas as idades,
e vaidades,
até Hades!
dormirão todos: céu e inferno.

anjos caídos sobre harpas,
demônios deitados ao redor do fogo,
e todo o povo
em sonolência
embalados pelas redes maranhenses

toda a vida deverá dormir
a que foi, a que vive e a que está por vir
quero ver partos de sono
choro, só de sonhos
gritos, só de leves pesadelos

cabelos serão travesseiros
olhos serão inertes
os pés, inúteis
porque todos dormem

vou!
me esperam na cama do mundo
minha canção de ninar
é o bocejo do universo.

Deitado, retilíneo

O corpo para.
Cansa.
O sangue caminha pelas veias.
Ele se cansa também.

O respiro sôfrego,
atropela a vontade de parar.
Ele não para.
Ele insiste em continuar.

O tempo passa.
Passou como deveria ter passado.

Os desejos são os mesmos.
Os olhares também.
Mais profundos, mais intensos.
Mais verdadeiros.

É como se toda uma vida
se resumisse num sofá.
Ou num sono quase restaurador.

Quando se tem certeza do que quer,
sono e bocejo são pretextos
para permanecer seguindo a bússola.

Um dia,
dois paralelepípedos condenados a nunca se encontrar
pelos encaixes da rua,
romperam o cimento e se olharam.

E se a playlist daquele dia fosse outra?
E se, por algum motivo,
a agenda fosse outra?
As conjecturas são múltiplas.

Mas o corpo, que para cansado,
moído mentalmente,
só encontra paz ao som da sua respiração.
Que em outros tempos poderia ser até ofegante.

Balela.
É no abraço matinal
que as equações são resolvidas,
e o respiro sôfrego encontra o ritmo.

Que o tempo seja paciente.
Nada quero apenas que o aconchego
esparramado daquela que numa quinta desimportante
passou a ser minha amada, amante

hoje zelo o sono dos paralelepípedos soltos que,
contra as expectativas, vivem juntos,
fora da rua, fora do ar, na paz do sono,
no silêncio que tudo responde.

Ampulheta

Virei.
Grão por grão
Segundos cronológicos
Silêncio!
Grão por grão
Passa
Tempo bravo passa
Cronos!
Dez segundos
Grão por grão
Silêncio!
Uma pirâmide
Um vulcão
Um furúnculo
Uma acne
Um lenço puxado ao meio
Uma tenda
Um montinho de areia
Silêncio!
Uma chuva bege de grãos
Grão por grão
Uma cachoeira surda
Um escultor esculpindo o próprio corpo
Cronos!
Segundos.
Grão por grão
Mais um...
Acabou!
Virei.

Dias

Os dias são horas
Sequências
Indulgências talvez
Sentimentos velozes
De esquecimento rápido
Calotes
Notícias ruins
Péssimas músicas
Topadas
Visitas inesperadas
Famílias separadas
Brigas
Risadas
Apertos de mãos
Chegadas
Partidas
Comidas
Perfumes
Orações lidas
Emprestadas
Não analisadas
E verdadeiras
Criação de projetos
Desertos em papéis brancos
Horrores simultâneos
Espantos
Sonos
Camas
Sandálias
E banhos
Cafés e chás
Gravatas, crachás
Bobagens e tolices
Cúmulo da idiotice
Minutos
Segundos
Um
Dois
Três
Quatro...
Vou dormir.

O Presente

Se eu pudesse
Não virava as páginas
Desse livro
Pois deste modo chegaria logo ao fim
O que há de mal no fim?
É tão ruim?

E então
Por que eu continuo assim,
Querendo retroceder o que há em mim?
Bem que eu queria saber
Mas não sei
Explica-me então

Dizem que a vivência do passado
Destroi as perspectivas do futuro
Mas o futuro um dia vai ser “passado”
E “agora” é o futuro dos seus desejos

Se eu pudesse voltar ao passado
Se eu pudesse
Eu posso!
Já estou no passado

As primeiras palavras que escrevi acima
Já são passado
O livro ainda não se fechou
E não vai fechar-se
Sem a nossa permissão

Não! Continue escrevendo
Continue vivendo
Pois não existe futuro
O futuro é sempre o presente
Que é sempre retrocedente

Se eu pudesse
Continuaria a lê-lo de novo
A cada dia
Uma palavra
A cada palavra
Um passado que é futuro

Mas se o futuro não existe?
Então o passado não existe?

Ritmo das Janelas

Meia-noite de ventanias,
traga-me alegrias
no compasso das janelas.
Pois as noturnas sentinelas,
as estrelas,
teimam em se esconder
atrás das luas de minha casa.

Tango da noite,
dê frescor a esse calor até suportável,
mas infame.
Tire o medo do meu coração,
pois a briga das portas assusta-me.
Quero que chegue logo a manhã.
Amanhã dormirei cedo.
Sonharei com castanholas
e a brisa de Olivença.

O poder do amanhecer

A tendência crua de noss'alma
É imaginar as problemáticas posteriores
Soletrar palavras tão superiores
Que não se sabe se virão com calma

E o dia raia, como sempre
Do leste a estrela amanhece
E a gente então se esquece
Dos delírios passados - Contemple

Cada manhã é como um divã
Onde o bandeirante mental
Sem pedir nosso aval
Mordisca a nossa maçã

Eternamente o amanhecer
Conseguirá ter esse poder
De fazer-nos esquecer
Dos delírios passados - Sofrer

Meio cego e abstrato
Nunca deixam de ser concretos
Os raios matutinos nos intelectos
Que passam por aí - Ingrato

Quando as pálpebras se afastam
Sensações inexplicáveis se expandem
Sentimentos incalculáveis se escondem
E preocupações insuportáveis se afagam

Mas o Sol também é poente
Bem acima das nuvens brancas
Que relembram nada mais que alguns mantras
Que são as alavancas da mente

Apesar de tanto sofrer
Existe um remédio contínuo, fugaz
Onde não precisa ir atrás
Sem correr, espere o amanhecer

Manhã de Impacto (Domingo)

Não gostaria de usar aqui
garbosidade ou estilo requintado,
mas hoje é domingo.
O mais cinzento e alegre,
o mais mais...

Domingo de umidade.
Cinco e trinta e três da manhã:
É hora de inquietação!
Foi minha hora.
Sede,
mato!
Contemplo agora
o mato,
verde mato
no fundo de casa,
no fundo do mundo,
no cinzeiro do céu
de domingo fumante,
expelindo baforadas de evaporação suja.

Hoje é bem mais especial que ontem,
e isso me dá receio.
Respeito,
isso me dá!

É que não estava acostumado
com o impacto e
a imponência do domingo!

Foice o fim

Foi ceifado o fado
Foi sem fado a Espanha
Foice à terra, entranha
Foi-se o fim, finado

A eterna hora
Escondida espreita
O fim da colheita
Que é ceifada agora

No limite avisa
A indicação da placa
Que sem bota pisa

Vês que o corte abriga
A solidão da faca
Foice - o fim da vida?

Vinte e três

Vinte e três pessoas
Vinte e três problemas
Enemas, gangrenas
Extirpação do que é morto

Vinte e três pessoas
Vinte e três mundos
Vinte e três motivos
Vinte e três incertezas

Sala opaca, azul e branca
Cadeiras também azuis
Fisicamente é o que se traduz
desse espaço de vinte e três tormentos

Vinte e três movimentos
Sono, muito sono
Espera, muita espera

Chamam:
Antonio Silva de Carvalho!
Novamente tornam a chamá-lo:
Antonio Silva de Carvalho!
A voz grave da funcionária
demonstra motivação invisível em seu serviço
Ele levanta-se e cruza a linha de chegada

Vinte e três minutos depois
outro levanta-se
Antonio sai para comprar
vinte e três comprimidos
Nos ouvidos?
Vinte e três problemas!

Vinte e três saudações
Vinte e três religiões
Vinte e três cores e tênis
Vinte e três minutos para o meio-dia

Vinte e três opções de ficar sentado
Vinte e três olhares cansados
Vinte e três
Vinte
e
três
três e vinte
e nada

Sou o vinte e três e nada
Dizem “número vinte e três”
‘Por favor, dirija-se à sala vinte e três’
Vinte e três passos,
e sento na cadeira vinte e três.
Idade?
Vinte e três!
Dia vinte e três,
de vinte e três meses,
de vinte e três anos
de agonia com vinte e três pessoas
esperando na sala vinte e três

Folhinha

O ano acaba
só para nada.
Aliás,
31 de Dezembro só existe
para que dona Eulália,
que não sabe ler,
ponha a nova folhinha na cozinha.
É Janeiro,
e o papel precisa ser puxado.

Na calada

É na calada da noite
Que os crimes meticulosos são tramados
É na calada que as vozes são caladas
É na calada que acontecem
Os ensaios dos barulhos diurnos
Dos gritos dolorosos
Da fome esquecida
Da bala perdida
Do grito do “não”
Adeus inesperado
Passos rápidos
Silêncio
Sono
Por isso vou dormir
Boa noite!

Ontem, quase sempre!

Ontem, quase hoje,
exerci meu ofício,
quase cego, quase rouco, quase sempre.
Vendi minha consciência
por lindos pares de olhos e sorrisos sinceros.
Queimeei todas as leis
que havia criado numa pequenina chama de indecisão.

Ontem, quase hoje,
corei como nunca havia corado,
e me fartei de sentimentalidades.
Não eram as melhores,
mas eram as únicas que eu tinha para oferecer.
Dei um passo no escuro,
e meu coração enxergava uma cega luz,
talvez um neon a me iluminar:
Transeunte do amanhã.

Ontem, quase hoje,
unidades astronômicas eram milímetros,
três horas eram milésimos,
solidão era utopia.
Só via pupilas na falsa distância
tocarem meus olhos pedindo bis.
Fui o mais ingênuo e nefasto.
Completo inconveniente.
Esqueci de hoje.
Ontem ainda é hoje.
O sonho não acabou!

Ontem, quase hoje,
eu não estava aqui.
A força do improvável veio brincar em minha existência,
me presenteando
(sem esperar nada em troca)
com um lindo presente,
embrulhado numa bela vida.
Está tão longe do meu aniversário...
Que merecimento tem um poeta barato como eu,
que vive diariamente catequizando
paredes e teias de aranha,
esqueletos e entranhas,
rostos e palavras que eu mesmo inventei?

Ontem, quase hoje,
a minha irrefutável ambição
era deitar num divã bege,
e dizer: Agora você rege!
Cante o mar, a emoção,
cante o rio, ou até cantochão.
Me cure, ou não.
Fui contaminado, mas até agora
todos os sintomas são bons.

Ontem, quase hoje,
a secura da boca era a inútil procura
de verbos mais nobres
para batizar essa criatura,
tão uniforme,
tão unidade,
tão universo:
O tempo!

E nos meus eternos segundos de agora,
dormirei durante a já sabida peregrinação do Sol,
para que hoje, quase amanhã,
eu madrugue lendo sorrisos,
fazendo deles os meus risos,
fazendo deles o meu talismã!

Esperando o inesperado

Por algum tempo eu esperei a verdadeira resposta.
Por algum tempo eu apenas esperei.
Somente esperei.
Pior, não sabia o que esperava,
mas mesmo assim,
persistentemente eu esperei,
ainda espero.

A semente nem sei se lancei,
mas vejo uns brotos na terra.
Germinou.
Quicá vai vingar.

Chega!
A hora chegou.
Acho que a hora chegou.
Achei a hora.
Agora!
A hora.
A hora é essa,
meu caro poeta.
Mas eu me pergunto:
O que estou esperando mesmo?

Sedativo

Eu, cidadão do tempo,
amigo da timidez,
ouço agora três sons:
A chuva da madrugada,
a caneta dançando no papel,
e o bater acelerado do meu coração.

Em algum lugar no oeste,
posso sentir algum coração solitário agreste.
Aparentemente solitário.
Se penso nele, estou com ele.
Dois que “são” um que são dois.
Batendo simultaneamente em busca do mesmo ideal,
todas as possibilidades não fazem sentido,
pois o impossível já não existe mais.

Mesmo com a chantagem idiota dos dogmas do mundo,
prefiro ser denominado vagabundo,
por não dar crédito aos fortes,
e apenas ouvir a pureza.

Quem me entenderia?
Qualquer eulalia seria vã!
Qualquer sinfonia desafinaria...
Senhoras e senhores, não me convençam!
Sou irredutível!

Sou mais um cidadão do tempo,
amigo da timidez,
que agora, de uma vez,
resolveu priorizar a emanção que move
da personificação da glicose.
Que também anulou valores sem multa
e estendeu a mão aos olhos da quiromancia mais oculta.
Não resistiu e deixou-se acariciar
por dedos cheios de substantivos,
que silenciam bocas mudas por falta de opção.
Esses são meus quase sempre sedativos,
esses, que quase sempre sanarão!

Sede

Hoje a boca que sopra o vento cuspiu.

Era garoa?

Não, nem fazia frio.

Era sede de fotossíntese.

Soneto

Após a insônia escrevi no panfleto
O breve período de pálpebras grudadas
As duas horas de pupilas dilatadas
De meu pequenino sono, quase um soneto

Tão logo despertei, olhos ardendo
Senti o Sol, retalhado pelas frestas
Acompanhado do silêncio do fim das festas
Levando o sonho que eu já ia esquecendo

O desequilíbrio matinal
Faz o roteiro humorístico
Deste dia triunfal

Este poema de rapina
Faz o passeio turístico
Desta noite repentina

Fuga

Outro dia sonhei que estava triste.
Acordei.

Mais-que-imperfeito

Falara mais que devia
Arrependera
Eu sei
Esquecera o que temia

Errara mais que podia
Tentara
Eu sei
Demonstrara que sabia

Matara o falecido
Repetira o repetido
Esquecera o esquecido

Depenara as mesmas penas
Sintonizara sem antenas
Vivera, apenas

O dia é hoje

Acordei numa manhã de mitos
Levantei-me aos gritos
Chorei.

Palmas, muitas palmas
Ato digno de brados eufóricos
Bradei.

Hoje é um grande dia
Dia de ares novos, eólicos
Dia de viver ventos
Andar sem rumo
Nadar no nada
Sonhar nos olhos
Sentir o chão
Cheirar a terra molhada de chuva
Esconder-se dos trovões
E na cor dos pavões
Viver no arco-íris do ouro mental

Dormi numa noite real
Desisti-me ao sussurro do silêncio
Sonhei.

Sorri, mergulhei na alegria
Isso é raro e já é dia
Acordei!

Capítulo VI: Sons e Sombras

Na cara

eu não sou como os poetas
que morrem de amores pela Lua

ela não responde ninguém
ilude o mundo em seu dragão

não vê? é rabisco
não vê? submisso
só um coração de papel

a Lua ilude o mundo em vão
nem ela conhece seu outro lado
(que você esconde de todos, exceto da China)

Estrela Cadente

Ontem avistei uma estrela cadente...
Ela foi só!

Música

Os tons envolvem
As cabeças pensantes
Nos mesmos instantes
Que os dedos dormem

Nas teclas brancas
Nas cordas soltas
Que as vozes roucas
Sussurram tantas

Música - palmas
Música - almas
De quem se ama

Música acalma
Música salva
A vida humana

A menina do violão

Sim, eu ouvi várias vezes
ela cantar no escuro.
Com o violão na perna e a pasta no chão,
sussurrava modernidades.

Sua plateia? As estrelas,
algumas formigas no muro
e algum transeunte bêbado.

Sim, eu senti várias vezes
o sentimento dela no dedilhar.
Com o coração na voz e a voz no ar,
eu espreitava eufórico e imóvel ela cantar.

Seu palco era a calçada,
as pedras da rua eram suas fãs,
e o holofote lunar não deixava de a acompanhar.

Sim, eu pensei várias vezes
em bater palmas, pedir bis, assobiar
mas seu público era peculiar!
Só os astros luminosos podiam-na contemplar.
(e as pedras)

O tempo passava,
o vento ia, a noite ia, o sono vinha,
eu ia, e ela cantava e tocava no muro escuro.

Dias e Canções

Existem dias feitos para a inspiração.
Tudo completa, imita, transcende, emana.
As folhas ao vento fazem parte da melodia.
A música está na hora certa, no momento certo.
O vento é constante e suave!
São dias assim que te fazem melhor,
subtraindo os volumes sonoros insignificantes.

Nos fones, passeios de Mozart ou Zé Ramalho,
Moska ou Gessinger,
Elliott Smith ou Nick Drake,
A flauta mágica, Semicoisas, Say yes, Fly,
Kriptônia ou Avohai.
Claro, Northern Sky.
Canções que me adotaram.
Avô e pai!

Elogio a Luar na Lubre

Deixar voar os temperamentos.
Deixar ouvir os móveis silenciosos.
O vento me faz bem, sopros ociosos
que me remetem aos lugares mais incríveis e invisíveis.

Como o sussurrar de cordas que vibram,
Ouço os alaúdes, as gaitas, os godos e celtas,
O sangue de luta, a vida, labuta,
O amor, os cavalos, eles por elas...

Que lindas sequências!
Que arrepio ao ouvir essas sonolências!
No ouvido ouço a alma.
Sem explicações.

O mundo é expandido assim.
A paz é levada assim.
A dor é curada assim.
O paraíso é assim.

Que música bela.
Não é música, é sentimento puro.
A quinta essência.
O sexto sentido.
Quero sempre ouvir Luar na Lubre!

Um brinde à Lua!

Hoje à noite, saúdo a todos,
mas em especial a Lua.
Lua, tu hoje és minha.
Sou teu devoto observador.
Já passou aquela raiva...

Minha Lua,
tu me ensinaste
a hora certa de calar,
a hora certa de cantar,
a hora certa de sonhar,
e o atraso do olhar perdido
em seu hermético dragão.

Tu me julgas poeta, ou até profeta,
mas seu farol me retirou do cativeiro.
Não era a Babilônia.

A maior poesia é o silêncio de sua luz constante,
mesmo que brilhe na eternidade de horas estranhas.

Contigo aprendi a ser um alfaiate de verbos.
E apesar de conjugá-los bem,
quase nunca posso vesti-los.

A ti a honra e a noite,
o meu olhar cartesiano e mesquinho,
e a ousadia de minhas palavras vomitadas.

A ti, dou minha pupila,
que hoje, tão dilatada,
tornou-se espelho de tua circunferência.

Perdão pelas injeções,
travestidas de bandeiras
fincadas em ti.
Quase sempre somos idiotas.
Só os zigotos ainda não são.

Véu alvo que me salva

Estes cirros que a noite de hoje proporciona
tornaram o mais cafona num ser de honrarias.
Esta lua escondida neste transparente véu alvo
livrou-me do perigo e me deixou a salvo.

Estes pássaros que hoje cantam solitários
fazem os funcionários serem os novos proprietários.
Estas estrelas que brilham o passado
desenham sorrisos no meu telhado.

Esta brisa que sopra na noite parda
fez com que o vagabundo virasse guarda.
Este silêncio noturno, sussurrando como abelhas,
me deu arrepios e elevação de sobrancelhas.

Este cacto mais pontiagudo, porém celeste,
tornou a minha esquina algo que preste.
Estas ruas que deitam poeiras de mil pés
renegam a minha sombra e me dizem quem tu és.

Gotas

Crise, cisne, cine
Sobe, sobra, solta
Cria, cia, caça
Vira, vai e volta
Gotas de água
Gotas de mágoa
Gotas de saudade
Indicam
Salpicam
Tudo escorre.

Choro

Se os olhos ardem,
é pela necessidade de sal.
A rachadura na parede ocular
é o anseio pela maquiagem de cal.
Infiltração de lágrimas
é o inconformismo com o teto de vidro.
O choro
liberta!
O choro
libera!
Acalenta,
desorienta,
do caminho perdido.
(desorienta mesmo)

Se os olhos ardem
é pela saudade de chorar.
Ou então pela cura
do choro de agora a pouco.
(me detenho na saudade)

Os soluços
são partituras.
Compassos são círculos
contornando a íris,
lavrando o “grand finale”.
(aniquilem minha opinião)

Choro constrange,
mas revigora.
Choro de ontem
ou de agora.

Choro não cura,
mas melhora.
Choro solícito
de quem chora.

Choro não conquista,
mas melhora.
Choro de medo
não apavora.

Choro de amor
nunca tem hora.
Então chora
(meu bem),
chora!

Lágrimas de outrem

Denominam-me emotivo.
Discordo!
Chorar por momentos raríssimos
é obra de corações pedregosos.

Chorar lágrimas de outrem
é tornar-se alguém,
mesmo que de vez em quando.

Ser algo importante na sociedade
é minha maior repugnância.
Quero ser lembrado, desde a infância,
por mim mesmo e por pessoas corajosas.

Persuasão, timidez...
Fale de uma vez.
Deixe brotar mel do fel,
sal do açúcar,
e água da pedra.

Isso me torna feliz,
mesmo que de vez em quando.
Mesmo que de uma vez eu ponha pra fora
todo o choro de alguém que eu não conheça,
quero que esqueça...
As lágrimas secarão e a emoção passará.

Denominam-me emotivo.
Chamem-me de tudo.
Mas a emoção não está nas lágrimas de outrem.
Estará nas minhas, quando elas vierem.

Ver-te

Abri a janela
Olhei para ela
Que estava a passar
Fiz tanto silêncio
Na pena intenso
Meu verso a anotar

Quando a nuvem branca
Tão lenta me encanta
Eu volto ao céu
Ao ver tua face
Meus olhos num enlace
Te cobrem num véu

E você passou
Virou a esquina
E nem me olhou
Eu fecho a janela
Saudade mais bela
Em meu peito ficou

Andar não consigo
Só vivo sonhando
O que não dá mais
Se for da vontade
Do Deus de bondade
De ti vou atrás

Para assim poder
Tornar a te ver
E parar por aí
Pois posso morrer
Se você dirigir
Os olhos pra mim

Par de olhos

Através de telas, de vidros
Eu vi um par de olhos
Olhos confusos
Com retinas determinadas

A mesma dor daquela alma
Eu senti num par de olhos
Olhos intrusos
Com sentimentos desprezados

Em tentativas alucinadas
Eu menti para um par de olhos
Olhos inclusos
Com garantias esquecidas

Uma cachoeira lacrimosa
Eu vi descer do par de olhos
Olhos avulsos
Com clamores dolorosos

Através de velas acesas
Eu chorei - meu par de olhos
Olhos - soluços
Com desejos enganados

Pequena janela

Lindo lago ao longe
Turva o meu olhar
Tudo faz lembrar
Silêncio de monge

Do claustro a pequena janela
É um quadro pintado
Um mundo encantado
Fora a vida é bela

Se o que eu sinto é real
Vou buscar o ideal
Sem esquecer da verdade

Se a verdade está no mal
Não existe amor total!
É uma farsa a realidade?

Água

De que vale esse interesse?
Todos só querem água,
águas de qualquer coisa.

De que vale esse interesse?
Todos só querem água!
Quem almeja outra coisa?
Tudo isso é sede.

Explicação de outros sentimentos
é pura mentira.
No fundo
(do poço)
todos têm sede.

Sede de viver,
sede de ser livre.
E quem é livre?

Até a poesia tem palavras comedidas,
com medidas,
extensões,
gráficos,
vírgulas,
regras...

Gente,
tudo isso é sede.
Também estou com sede,
salivando com uma pitada de alegria
por ter palavras que não precisam
de vozes para informarem.
Só olhos analfabetos.

No fundo, é sede.
Todos só querem água.
Até Cristo teve sede.

Repito:
Explicação de outros sentimentos
é pura mentira.
No fundo
(do poço)
todos têm sede.

Água, venha banhar-nos!
Somos humanos erosivos,
pedregosos.
Mate a sede desse peso morto,
absorto
no supérfluo,
de costas para o céu,
de barriga para cima,
de frente para o nada.

Mate a sede-fênix
que é imortal
até o último suspiro da secura.

Deixe molhada a loucura,
feliz por patrocinar
alguns felizardos
que não entendem
o que não merece ser entendido.

Redescubro-me em Janeiro
e não me entendo amanhã.

Encontro-me
na sede de viver,
sede de ser livre.
E quem é livre?

Qualquer calibre
de vida
se limita
em sede.

Todos só querem água.
Água, codinome chave,
laureada augusta,

aclamada, Ave!

Amor infantil

Nada é mais infantil que o amor.
Ele é tão pueril que ainda mente no primeiro de abril
e chora por qualquer dor.

Sonha sonhos impossíveis
e não dorme em qualquer colo.
Acredita em todas as suposições
e ri após levar uma surra.

Guarda rancor em cofres que se autodestroem
e depois come do fruto da amoreira.
Irradiam alegria, além-fronteiras.
Nada é mais infantil que o amor.

Nova Gênese

Essas ruas continuam cada vez mais longas
Estes ventos, cada vez mais silenciosos
E os homens cada vez mais ociosos
Suas mentes carregadas pelas ondas

O calor que era agradável agora é o inferno
E a fonte mais potável evaporou
É o fruto de quem não se preocupou
Achando que tudo no mundo era eterno

Mas o mundo poderia ser eterno?
O mundo é ruim, é um inferno?
Ainda não...
O mundo poderia ser um caderno
Onde cada um escreveria um novo Big Bang
Com intervalos entre as “Eras”
Evoluindo nossas feras
Com meteoritos de amor.

Grande Sol

Afague sua garganta
Respire todos os ventos
É bem-vinda a esperança
O retorno de outros tempos

Hoje o vento sopra forte
E o sol longe a brilhar
Amanhã, talvez num corte
Sua pele vai gritar

Como grita o passarinho
Avistando o que lhe assombra
Clamará a sua pele:
Eu quero vida, eu quero sombra

Mas é tarde - conformismo
A caminho - do abismo
É assim - que nós vivemos
Dar valor - quando perdemos

Não existe Talismã

Quer ouvir uma história?
Quer rever a sua glória?
“Medita Trabalhando”
Já dizia Hugo
Quer mudar o seu agir?
Quer chorar tentando rir?
Seja autêntico e não vulgo

Quer ser dono de si?
Governar o que vir?
Vá em frente:
Política do cão!
Quer ouvir coisas legais?
Quer sentir, sentir a mais?
Seja bom e não vilão

Quer voltar, voltar atrás?
Quer vibrar e não dá mais?
Que pena,
Passa amanhã!
Quer ser livre pra voar?
Quer ser livre pra amar?
Você já é - não há Talismã

Nossas percepções

Feio e belo, amarelo
Duas partes do martelo
Dualismo verdadeiro!
Quem explica, diz quem fica
Muda o corpo - mumifica
Tudo é lindo por inteiro?

Sentimento, excremento
Dor, mau cheiro, movimento
Modifica o pensar?
Se é vendida
Na medida do possível avaliar
A beleza está no olhar?

Belo e feio, não tem freio
Depende o som, depende o meio
Onde miro meu olhar!
Avalio, então comparo
Dona Flor, com Dona Amparo
A mais bela, qual será?

Poema de mercado

A palavra tornada verso
Veste roupa dominical
Fica radiante, sem igual
Canoniza o perverso.

A sílaba transformada em ar
Penetra pulmões, até o coração
Atrai emulações, afasta a solidão
Ressuscita a esperança, faz recomeçar

O poema que passa fome
Apenas consome
Retinas famintas. É o contrário.

A poesia tornada mercadoria
Apenas fecharia
Cortinas distintas. É o salário.

Receita

Para o fim de tristezas infindáveis:
um copo d'água é favorável à sede de ser feliz.

Para lágrimas cachoeiras:
o ar puro é sentimento preenchendo pulmões solteiros.

Para despedir-se do ódio hostil:
sorriso infantil, sem mácula, sem som, sem opulência.

Para fuga do normal:
sonhar acordado à luz de velas, sem apagá-las com os dedos

Um velho

Vi no sonho meu turvado
Um velho encurvado
Seu andar era regrado
Um velho soldado

Tinha um ar penoso
Um velho religioso
Seus cabelos alvos, brancos
Um velho em prantos

Olhos negros lá no fundo
Um velho imundo
Com seu paletó rasgado
Um velho abandonado

Num dos bolsos a foto da filha
Um velho sem família
Vi uma vida esquecida
Um velho na avenida

O Chapéu

(poema dedicado a Alceu Valença)

Pele negra que cobre a moleira madura.
Pano de abas mouras a proteger do Sol a luz,
da luz o Sol.
Mais lindo que o arrebol
é ouvir, talvez em sol
os mantras valentes do Valença.

De Ascenso herdou o chapéu e a genialidade,
a poesia e a humildade.
Música? Plenitude.
Em Alceu, o pior enfermo obtém saúde,
a maior sevícia torna-se ato de bravura.

Loucura é não preparar os tímpanos
para ouvir as anedotas do filho de São Bento,
o do Una.

Candura é deitar na bruma leve das paixões,
imersão na paz, nas imensidões,
e viajar nos timbres que catequizaram genealogias.

Frondosas árvores sempre estarão a te presentear com a sombra.
Horrendos recrutas de verbetes (como eu)
sempre estarão no alpendre, prontos para
ouvir sair da tua boca as cirandas mouriscas.

Levas na cabeça o chapéu.
Para muitos, ele tornou-se o maior arpéu
a içar embarcações em eterna calmaria.

No alforje de cada pai
é de extrema necessidade a presença da ética
a deixar de herança para os de amanhã.
Ao lado da moral e da serenidade,
leve também a musicalidade de Alceu.
Leve o Alceu “aos seus”.

Tua cachimônia, que sustenta a visão poética infantil
é a inspiração de minha tentativa juvenil

de deixar um sinal de existência.

Orgulho é ouvir e dar mil significados aos maracajás
e sentir os regalos da poesia deste mestre.

Fazer as cores da íris serem crença,
é ouvir amiúde Alceu Valença!

Folha caída

Eu daqui e ela ao chão.
A folha caiu e eu estou a olhá-la.
Ela completou a sua jornada
e eu nem comecei a minha.
Ela caiu e eu também.

Foi ao chão mais um pulmão do planeta
e eu nem com luneta enxergo um horizonte favorável.
Ela cumpriu sua meta.
Foi ao chão não porque quis,
mas uma força a atraiu.

Minha meta não é a seta no alvo,
nem a flecha no arco,
nem o caminhar pela estrada.

Dessa vez, quem foi ao chão fui eu.
Fui porque quis.
Minha força trouxe o chão a mim
e eu me fiz folha.

Semelhante a ela,
quero respirar, cumprir a minha missão
e voltar ao chão sem ser notado.
Não há nada mais nobre que uma folha caída.

Obrigado

Faço isso,
Obrigado.
Digo
obrigado.
Obrigado
a
todos
você.
Obrigado
a
você.

Não tem por onde.
Então só esconde
a jura falsa,
no furo da calça,
no pé de valsa,
no navio ou balsa,
em mala sem alça
o agradecimento.

Todavia,
por ninharias,
todos se fazem reféns
e assumem o que são:
Obrigados.

Soldados por amor, ou falta deste,
patriotas das algemas,
poetas exilados em poemas.
Aluguel de fonemas.

Por isso digo,
(muito obrigado)
Meu fardo de prisioneiro
é pior do que o guerreiro
que agradece, deixando expostas
ao fio da navalha as costas.

Muito obrigado
aos favores a juros.
Veritas?
Óculos escuros.

Nuvem triste

Ela ficou triste
porque se assemelhou ao alpiste
que alimenta o pequenino sabiá.

Após a chuva de verão
o sorriso do povo eclodiu numa canção
que se canta pra rezar, saravá.

Todos riram com o calor.
Ela ficou triste, de tanta dor
e nunca mais chorou.

Após a chuva de verão
a nuvem de lágrimas escandalosas
apenas soluça seca.

Para onde ela vai?

O vampiro insone

Vou amanhecendo
Quando adoecendo
Vai-se a noite.

Vou adoecendo
Quando amanhecendo
Vem-me o açoite.

Vou adormecendo
Quando amolecendo
Vai-se a noite.

Vou apodrecendo
Quando ao Sol aceno
Vem-me o açoite.

Vou amanhecendo
Quando adormecendo
Vai-se a noite.

Vou endoidecendo
Quando amanhecendo
Vem-me o açoite.

Agora, a aurora açoita-me.
Lá fora, o medo, "a noite a mim".

Contra meu júbilo,
o Sol
ri-se
úmido
e pragueja ingrato:
Sou teu ódio, Nosferatu.

O Óbvio

A folha caiu novamente
e fez-me sentir emoção pelo óbvio!
O comum foi batizado com outras reticências
e meus sentimentos dividiram-se em vírgulas,
nesse curto espaço de tempo!

O Sol brilhou do oeste.
Era fim de tarde.
O óbvio fez meu rosto corar
e a preocupação com as grandes calamidades
esconderam-se numa parede de vidro.

Enxergava, mas a maior motivação
era o brilho crepuscular de cada dia.
De um amarelo tão vivo que nenhum jardim
de girassóis poderia dar a cor desse sopro de vida.

O vento soprou em meus olhos!
Tirou o cisco que me impedia de ver o cotidiano.
Anos e anos passando e eu ainda não havia percebido
que o ar em movimento é inspiração
para poemas quilométricos!
Méritos?
Somente do vento.
Ele não passa.
Eu passo e meu último suspiro
irá se juntar ao sopro do vento,
dando assim sentimento à segura,
sanidade à loucura,
e emoção ao óbvio.

O meio do romance

Então eu vi fenecer o verdadeiro valor.
Dei dois passos e parei.
Parei de uma vez por todas.
Parei com tudo de uma vez.
Respirei e contei até nove.
Voltei os dois passos dados
e pisei num despacho.
Lembrei de conselhos baratos,
menos que dez centavos.
Percebi que todas as vontades eram
pungentes.
Andei pelo cemitério de costas
e vi sepultados ossos e desejos,
tentativas de melhorar as problemáticas de gerações.

O chão frio anestesiava os pés descalços.
Pena que a consciência nunca se perdia.
Conhecia todas as ruas do mundo
e a imundície dos olhares.
Olhos não tinham mais rabos.

Balbuciei algumas palavras
e fiquei satisfeito com uma frase.
Li.
Reli.
Escrevi um poema pobre como este que agora lê.
Acendi uma vela para os Dadás,
e clamei uma salvação.
Fui atendido.
Calei-me.
Calai-te e afinai os tímpanos.
Vou falar lixo e conjugar chorume.

Sal é sabor de doze por oito.
Pão é preocupação materna.
Pernas...
Pra quê te quero?

E eu, que ainda perco tempo juntando
palavras para chamar minha própria atenção,
ainda me distraio com qualquer movimento
de vidas microscópicas.
Vidas.

Não sou Luís XIV, nem o Marquês de Sade,
muito menos Gabriela,
mas eu nasci assim.
(geração depravada)

Te entendo.
Não compreendes absolutamente tudo.
Nada existe.
No final todos se amam.
A multiplicação das mesmas ideias
usualmente levam aos mesmos produtos.
A paz.
O amor.
A união.
A morte dos opressores.
The End.

Porém as sugestões proliferam.
As inseguranças imperam.
Desisto.
Fora do alcance.
Ainda é o meio do romance.

O silêncio dos trovões

Dizem os mais velhos
que os trovões são pigarros dos deuses.
Dizem os deuses
que os palavrões são as medalhas dos jovens.
Dizem os jovens
que as danações são coisas dos velhos.

Dizem os velhos
que os arranhões são castigos dos deuses.
Dizem os deuses
que as aptidões começam nos jovens.
Dizem os jovens
que os trovões são apenas barulhos, fenômenos da natureza.
Dizem os deuses
que os jovens estão certos.
Dizem os velhos
que os deuses estão mortos.

Dizem os céus
que as nuvens pigarreiam palavrões.
Dizem as nuvens, as trovadoras dos clarões,
que os relâmpagos vomitam raios,
os capilares das imensidões.

Dizem os ventos
que todos são regalos das evaporações.
Dizem as chuvas
que nem sempre em março fecham-se os verões.

De repente, um forte clarão!
Raio!
Chuva!
Correm os jovens à procura dos velhos.
Clamam os velhos a ajuda dos deuses.
Gritam os deuses: Salvem-se quem puder!

Três segundos depois,
vociferam do céu aos infiéis,
os barítonos menestrelis:
“Silenciem todos!”
Dizem os trovões.

“Não somos substantivos,
somos verbos intransitivos”
(pensaram telepaticamente os filhos de Thor)
Nada mais disseram.
Deixaram as últimas gotas de orvalho serem reticências.

A taça do silêncio só foi quebrada
por grilos e rãs que despertavam do sono
e nada entendiam.

Fugir do normal

Não consigo entender
Meus anseios tão profundos
Ficaria sem entendê-los
Por longos segundos

Pelo de perna
Braço em chão frio
Pétalas
Bola de gude
Som e marcas

Vem tomar licor caseiro
Nesse nevoeiro enganoso!

Se você acha sem nexo tudo acima,
Sinal de que o mundo ainda ensina
Os mesmo sons, cores e sabores,
As mesmas palavras com as suas etimologias.
Assassinaram o hífen
E o acento está na condicional

Vamos tentar, ao menos por longos segundos
Não entender os anseios mais profundos
E fugir do normal?

Capítulo VII: O Ciclo do Girassol

Noventa

De fato,
nada é igual.
Estou íntimo do girassol.
Amarelo e calmo.
Dengoso açucarado.

De fato,
nada é igual
depois de noventa dias.
A terra nem é tão fértil,
e a água lhe esnoba por esquecimento.
Ela vive.

Sinto-me dono,
de fato,
pois eu plantei.
Minha aptidão agrária é falsa.
Porém, minha fé é eufórica.

Nasce.
Gera.
Ainda não sinto seu rosto de maternidade
nem as pétalas de seus cabelos.
São noventa dias.
E se fosse noventa e um?
Estaria maior
o meu amor pela flor
e ela em si.

Pelo girassol
até aturo a vizinhança
de “dromedárias” violetas.
Ou até os cactos de Cícero Dantas.
Mas das rosas tantas,
rendo-me ao girassol amarelo.

Rego dia a dia
no que me é possível,
para ver desabrochar
os sonhos todos.

Sem terra ou água
germina calada
a flor mais linda
em meu terreno miocárdio.

O que faz minha flor amarela
crescer,
é o adubo
de vida,
de Eros,
de Ágape.

De fato,
nada é como antes.
Tudo é melhor.

Girassol I

Um dia entre nuvens
jamais poderia ser igual se você
não fizesse parte da minha vida
porque até nos dias entre nuvens que geralmente são frios e opacos
com sua presença tudo fica radiante
mesmo sem luz

Tocou minha mão com o olhar
Sabe-se lá o que você imaginava
Não que eu fosse até duvidar
Que era instinto, que fosse involuntário
Não quero me machucar

Veja bem, a estrada é longa, sem placas
Não se sabe o que vem depois da curva
Mas, te entrego a minha mão
Solta a borda.
Mergulha comigo.
Ou deixa eu ficar na borda contigo
Não importa se os pés tocam o chão
Se o coração flutua aqui dentro

Tocou minha mão como nunca antes senti
Ouvi daqui a tua língua vibrar
Como se o vento que por ali passou
fosse o mesmo bafio que senti no primeiro beijo
Com a mente em alfa

Vai com calma, Girassol.
Vou com calma, ao teu Sol

Girassol II

Nunca tinha visto tanta luz
saindo de um olhar
sabe, facilmente me seduz
e sem graça eu fico.
Ou ficava.

Já faz algum tempo que deixei de lado
o que era passado
E eu abri meus olhos como de costume
Mas nada está igual.
O que vi além do seu perfume
foi o cheiro do Sol

Como explicar seu perfume
se, o costume
é batizar tudo em palavras?

Como explicar seus olhos
que, como Abrolhos,
solitários reinam na imensidão azul?

Como deixar sua boca,
se mesmo rouca,
minha voz teima em falar que te quero?

Como ver o dia novamente,
se agora, de repente
outras cores surgiram e eu ainda não me acostumei?

Girassol III

Um dia, como outro qualquer, tudo estava em seu lugar.
Seguindo o seu curso.
As marés iam e vinham.
Os carros transitavam bestiais.
As notícias eram as mesmas, apesar das aparências.
Os vivos continuavam vivos e os mortos continuavam a ignorá-los.

Eis que outro dia, como um acaso qualquer,
uma flor foi notada. Não que antes não houvesse plateia.
Eu só não tinha o bilhete do show.

A flor adentrou num lugar qualquer e,
sabidamente perfumou tudo à sua volta.
Era um girassol. A flor do Sol.
As pétalas amarelas. O caule enorme.

Os olhos azuis, as mãos lânguidas, os cabelos dourados...
Não era uma flor.
Era uma mulher.
Linda como uma flor.
Mas não era flor.
Não era flor?

Era uma mulher.
Ela tomou meus pensamentos
sem a menor intenção.
Quando dei por mim, ali estava.
Rendido.
Disponível.
Portas abertas e sorriso frouxo.
Nada mais importava.
As semanas se resumiam em aguardar o pôr do sol.
Todos os dias. E, quando possível, ao lado dela.
Porque a luz dourada era mais dourada quando tocava a face dela.
E eu estava ali para comprovar.

Os dias são melhores depois que ela chegou.
O sono é mais pesado.
As preocupações são menores.
O corpo pulula vontades.
Os olhos sorriem sem motivo.
O cansaço é só o brinde do dia.

A flor continua aqui do lado.
Dorme, depois de um dia de fotossíntese.
Dorme, depois de um dia ao meu lado.
Dorme, feito um passarinho que passou o dia voando.

O dia passou voando.
Agora a pouco a havia beijado na frente de um velho balcão.
Outro dia, vi a aurora com ela na areia.
Foi ontem que te vi dormindo a primeira vez?

Um dia, como outro qualquer, tudo estava em seu lugar.
A Lua vivia suas fases.
As formigas seguiam o rumo geográfico.
A água ferveu na chaleira e ninguém vibrou por isso.

Os vivos continuam vivos e,
vivo posso agradecer por mais um dia
ter te visto dormir, acordar, comer, rir
e questionar as demandas e as notícias
que eram as mesmas, apesar das aparências.

É um regalo respirar o mesmo ar que o seu.
A sorte, que sempre me foi uma sandice,
há tempos me disse:
Cuide bem da flor do Sol.

Como não agradecer
por mais uma vez ver os seus olhos se abrindo?
Ou os vendo fechados,
dormindo?
Pouco importa.
É domingo.

Girassol IV

Atrás havia um girassol
Duzentas pétalas ou mais
Grudadas ao centro
Centro floral
Circular
Útero
Germe
Semente
Prontas para a terra
Sombras de outras velas
Chamas amarelas como o Sol

Na frente havia flores brancas
Murchas como um beijo idoso
Inclinadas ao chão, como um quasímoto qualquer
O que buscam?
Quem as colocou ali?
Onde estava a sede dentro da água que não seca?

O silêncio paira no ar.
Ninguém responde às flores murchas.
Nem o girassol ali atrás.
Nem os quadros.
Nem as pessoas.

O girassol, que as observa quieto,
certo de seu amanhecer ainda esplêndido
nada diz por saber que o que está a sua frente
é seu futuro, de repente.

As flores murcham porque
até a beleza se cansa da indiferença dos outros.
Elas perdem as pétalas por necessidade.
É a forma mais bela de ensinar aos humanos
sobre o ciclo sem obséquio da vida.

A gente vive de entretantos.
Num dia, o brilho.
No outro, nem tanto.
Amanhã nos recolheremos.
No domingo lembrarão do que éramos.

Hoje girassol, ali atrás.
Amanhã, flores murchas, logo mais.

Soneto matinal

Entre as flores mais lindas do mundo
existe uma que neste exato segundo
levou minha mente pelo ar
sem esforço, com leveza a flutuar

E de cima, vendo as terras vicejantes
Agarrado em suas pétalas vibrantes
relevei a impossibilidade de voar
sendo a flor terrestre, áptera pelo ar

É que a felicidade me inebriou,
quebrou paradigmas, ignorou
o senso comum, tomou espaço

Dentro do peito cheio de terra abastada
onde nasceu um girassol, a flor mais graciosa
que mudou meu mundo, num abraço

Capítulo VIII: Louvor da Insignificância

I - O Limo

Ao sempre eterno e imutável.
Ao limo do tanque.
Ao limo e o tanque.

A única sensação
que
ele
sente
é a de ser derme.

A pele grossa
e paquiderme
lenta,
lento,
brisa e vento.

O limo de ontem
cresceu e ficou negro.
A sua negritude,
que agora é sua única atitude,
mostra sua plenitude de ser limo.

O limo de tanque,
que espera a garoa
livre, não voa.

Ele espera a garoa garoar
no seu ar
ar úmido,
de limo de tanque.

Os pequenos pontinhos
que fazem seu caminho de rato
são rastros dos pequeninos caracóis
que na solidão de estarem a sós
encontram motivação para viver.

A grosseria dos olhos
não veem a realeza do limo.
Todavia o estimo
e mato a minha curiosidade
na façanha de sua existência.

II - O Caco

Flor de ácaros.
Depósito de tardes.
Professor de estátuas.
Venha, caco.
Mova-se!
Dê um sorriso!

Quem responde aos meus pedidos sou eu.

Era um resto de cano.
Entre todos os filamentos,
todas as paredes,
os sifões,
fios de cobre,
tu (caco),
és o decano,
a alameda,
o gênio,
o caco,
caco de coisa.

No corpo leva cimento,
resto de excremento cheio de pedigree.
Evaporação que não existe
e apenas assiste,
diariamente,
as formigas transeuntes
(levando finadas folhas
para a janta animalesca ao molho de fotossíntese).

O caco era só caco.
Era rei e dono de si.
A cada manhã (o caco)
não encontra o caminho
para a morte.

Que morte?
Essa era desconhecida do caco.
Nem vivia.
Nem viveu.
Apenas estava ali,
furava o vácuo e escondia o pólen dos ácaros,
depositando tardes,
ensinando o não-movimento
e sendo caco,
dormindo nas areias da rua sete.

A grossura dos olhos
não veem a realeza do caco.
Entretanto, meu ato é assassinar minha curiosidade
na façanha da sua existência.

III - A Pernilonga

Rumores nas mentes leitoras me incriminam.
Esperem o final!
Defenderei-me por aqui.

Penso que é uma fêmea.
É uma fêmea!
Juro que as pernas dela eram diferentes.
Nunca fui à escola da entomologia.
Atuo fora da lei.
Leciono absurdos.

A pernilonga (é fêmea)
de voo tão longo,
deu volta longa e pousou no meu antebraço.

Ninguém a observou.
Havia água, celular, moscas nos farelos da mesa,
controles de TV, luz...

Pensei como um poste e matei-a.
Consegui (como poucas vezes)
tirar uma vida.
Era a hora dela.
Fui usado para cumprir a sentença.
A minha, no caso.
Assassino de insetos.
Quantos anos terei de reclusão?
Dez?
Vinte?
Duas ou três noites sem sono?

Mas agora a pernilonga jaz morta.
Com as pernas para cima.
As asas equilibram seu corpo no mármore frio.

No frio, que agora é calor,
ela não sente dor.
Eu sinto dor,
mas a pernilonga não sente a minha dor.
(nem a dela)

Ainda tem resquícios
de hemácias em sua boca cilíndrica.
Poderão esses glóbulos vermelhos
levar algum oxigênio ao abdome
que agora teima rijo?

Permanecerá deitada até que horas?
Já é tarde.
Muito tarde.
Nesse momento até os senhores
putrefatos sonham.
Queria uma lente maior,
além do cristalino que a natureza me deu.
Apenas gostaria de analisar suas
pernas femininas de pernilonga.
Coxas iguais a cílios
(que vez por outra suicidam-se
na imensidão da esclerótica).

Oh, corpo acompanhado!
Visitantes? Sim!
Minha maldade endureceu o indicador
e o pressionou como um bate-estaca no chão.
O “no” da frase anterior era a formiga.
Agora ela também se despede do mundo.
Na verdade, quem acena com um triste olhar sou eu.

Os pregos, dentro da porta
que se despedaça,
sofrem com o calor
da cápsula esculpida com os seus pés.

Sofrem só pelo calor.
Desconhecem o luto.
Desconhecem a cena.
Desconhecem-nos.
(Vendados de massa corrida)

Dois corpos.
A pernilonga e a formiga.

Existe semelhança entre formigas e minhocas?
Desculpe, sou aluno do absurdo.

Nas aulas sou surdo e repito ano após ano.

O que me deixa triste é que dois pulmões
não inflam mais,
e o que sinto agora é apenas sono.
Estou estrangulado.
Sou vil, viu?
Era pernilonga.
Era formiga.
Duas moças mortas.
Duas moscas mortas.
Uma com amido na boca
e a outra escrevendo o fim de um poema.
Quem matou a minha curiosidade
na façanha da existência?
O instinto mal.

Epílogo

Protelei por anos a escrita ou melhor, a organização destes poemas. Eles estavam ali em casa como aquele parafuso que falta apertar e sempre se esquece. Mudei de cidades e estes papéis foram me acompanhando. Ficaram embaixo da cama, em caixas de papelão, debaixo do armário ou atrás das prateleiras dos livros. O fato é que eles sempre estiveram ali. Talvez à espreita do meu ócio, indignados.

O processo de organização foi complicado. Muitas vezes fui redundante nos assuntos abordados e, no fundo, muitas destas temáticas já não falavam mais nada para o Diego de hoje. Era como abrir um álbum de fotografias e tentar entender quem eu era quando estava escrevendo esses textos. O que estava sentindo. Onde eu morava e quais eram as minhas dores.

Graças à minha boa memória, em cada poema me veio a imagem de um Diego diferente. Eu sabia até qual era meu corte de cabelo, as saudades que tinha e a ingenuidade peculiar de cada época.

Por muitas vezes tentei alterar as frases. Briguei comigo mesmo, dizendo: Cara, que bobagem é essa que você está escrevendo? Pra quê estas palavras rebuscadas, quase em desuso? Mas, se eu alterasse, perderia a essência de quem eu fui.

Os poemas não ficaram em ordem cronológica. Estão completamente misturados. Cada um tinha a sua data de escrita porque eu sempre colocava as datas nos papéis. Na edição eu tirei as datas para evitar qualquer tipo de comparação. Sou um Diego só, apesar de muitos em cada um destes poemas.

Em alguma página deste livro está o primeiro poema que escrevi na vida, com 15 ou 16 anos. Também está o mais recente, escrito há pouco mais de um ano. Quem sabe, pessoalmente, eu te conte quais são eles.

Grande parte destes escritos aconteceu entre 2007 e 2014. Depois fiquei num hiato grande. Basicamente porque me dediquei mais intensivamente à música e à escrita de canções. Poemas nascem para ser poemas. Sempre que iniciava uma escrita, já sabia que era um poema. Até porque, todas as canções que fiz, sempre nasceram de melodias. A letra veio depois. Logo, se eu pegava um caderno, uma caneta e sentava para escrever, já sabia: poema.

Espero que este pedaço da minha vida tenha te levado para algum lugar legal, a alguma reflexão pertinente ou até mesmo a algumas risadas. Estes poemas mereciam outros olhos. Que bom que, além dos meus, eles também chegaram a você.

Colofão

Esta edição de *Resto ou Diferença?*, de Diego Schaun, foi preparada
pelo Literunico em 2026.

O miolo foi preservado a partir da versão original fornecida pelo autor,
com redimensionamento página por página para formato A5, sem reabrir
ou modificar o conteúdo interno dos poemas.